

**Contributos para o estudo da Produtividade Morfológica e da
Criatividade Lexical
(Análise da Criatividade Lexical nalgumas crónicas de Mia Couto)**

Ana Sofia dos Santos Rodrigues Nogueira Souto

**Dissertação de Mestrado em Linguística
(Versão Corrigida e Melhorada após Defesa Pública)**

Março de 2018

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Linguística realizada sob a orientação
científica da Professora Doutora Maria do Céu Caetano

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do meu coração à Professora Doutora Maria do Céu Caetano pela constante e inabalável orientação. A incessante disponibilidade e apoio permitiram-me ultrapassar as dificuldades com as quais me fui deparando e tornaram possível a realização deste trabalho.

Quero também deixar uma palavra de gratidão a todas as Professoras do Mestrado em Ciências da Linguagem pois, através dos seus ensinamentos, adquiri uma visão simultaneamente plural e congregadora, em relação à riqueza da linguagem e à beleza das línguas.

Ao meu pai, Henrique Souto, essa sempre presença-ausência, cuja educação, vasta cultura e gosto pelo aprender e pelo querer ser mais e melhor a cada dia, são exemplos para a minha vida e tornaram esta jornada possível.

À minha mãe, Deolinda Rodrigues, que me incentivou a continuar a explorar a floresta do conhecimento e para isso me proporcionou os instrumentos para desbravar terreno e o calçado para escalar montanhas. Do topo da montanha a vista é maravilhosa e vale a pena o esforço da subida.

Ao meu irmão, João, por, nas horas de dúvida, ter sempre os melhores conselhos.

À Catarina Boto, à Guan Qi, à Joana Araújo Lopes, e ao Tomás Vicente, que se revelaram a minha rocha e o meu apoio constante, quer eu esteja em terras lusas ou no estrangeiro.

Finalmente, a todos os meus amigos de Berlim – ao Akash Thampi, à Angelika Saitseva, à Anna Hege, à Liao Kai Jou, ao Lin Min Bin e à Suzuki Miki – um eterno obrigada por me terem mostrado tudo aquilo que sou e tudo aquilo que posso vir a ser.

Contributos para o estudo da Produtividade Morfológica e da Criatividade Lexical (Análise da Criatividade Lexical nalgumas crónicas de Mia Couto)

Ana Sofia dos Santos Rodrigues Nogueira Souto

RESUMO

O objetivo desta dissertação é o de analisar e problematizar a relação entre dois conceitos fundamentais no campo da Morfologia Lexical – ‘Produtividade Morfológica’ e ‘Criatividade Lexical’. A Produtividade Morfológica, definida como regular e dependente de regras, ocupa um papel central, enquanto a Criatividade Lexical é quase sempre referida somente por oposição à primeira.

Para a realização do estudo que aqui se apresenta constituiu-se um *corpus* de análise a partir de três obras de crónicas de Mia Couto.

Nesta dissertação argumenta-se que os processos de Criatividade Lexical, como é o caso da amálgama, apesar de muitas vezes marginalizados pelos morfólogos devido à sua aparente imprevisibilidade e irregularidade, se inserem nas regras da língua e, por este motivo, merecem ser mais estudados nos trabalhos de Morfologia Lexical.

Palavras-chave: morfologia, produtividade morfológica, criatividade lexical, formação de palavras, neologia

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to both analyze and problematize the relationship between two key concepts on the field of Lexical Morphology - ‘Morphological Productivity’ and ‘Lexical Creativity’. The Morphological Productivity, defined as regular and rule-dependent, is a central issue in the field, whilst the Lexical Creativity is often referred as contrary to the first.

A *corpus* constituted of three literary works of the writer Mia Couto was assembled for the study.

In this dissertation, it is said that the processes of Lexical Creativity, such as blending, despite frequently being marginalized by morphologists due to their apparent unpredictability, depend on the rules of the language and, thus, deserve further and more numerous research.

Key-words: morphology, morphological productivity, lexical creativity, word-formation, neology

ÍNDICE

1. Introdução (pp. 1-2)
2. O conceito de ‘produtividade morfológica’ (pp. 3-7)
3. O conceito de ‘criatividade lexical’ (pp. 8-13)
 - 3.1. Âmbito de aplicação da ‘criatividade lexical’ (pp. 14-21)
 - 3.1.1. A ‘criatividade lexical’ no texto jornalístico (p. 16)
 - 3.1.2. A ‘criatividade lexical’ no texto literário (pp. 17-19)
 - 3.2. Os (des)limites da ‘criatividade lexical’ ou a falência da comunicabilidade (pp. 20-21)
4. A ‘criatividade lexical’ nalgumas crónicas de Mia Couto (pp. 22-38)
 - 4.1. Constituição e análise do *corpus* (pp. 23-24)
 - 4.1.1. Análise de Alguns dos Exemplos Recolhidos (pp. 25-37)
 - A) Exemplos resultantes de Processos de Formação de Palavras (Palavras Formadas por Afixação) (pp. 26-32)
 - A1) Palavras formadas por Prefixação ou Sufixação (pp. 25-28)
 - A2) Palavras formadas por Verbalização em *des-*, *-ar/-ear/-ejar/-inhar/-izar* (pp. 29-30)
 - A3) Diminutivos e Aumentativos (pp. 30-31)
 - A4) Palavras formadas por Parassíntese (p. 32)
 - B) Exemplos Resultantes de Processos de Criatividade Lexical - Amálgamas (pp. 33-36)
 - 4.2. Contribuição dos dados do corpus para o estudo da criatividade lexical (pp. 37-38)
5. Conclusão (p. 39)

Referências bibliográficas

Anexos:

- Anexo A

A1) Palavras Formadas por Prefixação e por Sufixação (pp. viii-xi)

A2) Palavras Formadas por Verbalização (pp. xii-xiv)

A3) Diminutivos e Aumentativos (p. xv)

A4) Palavras Formadas por Parassíntese (p. xvi)

- Anexo B

B) Exemplos Resultantes de Processos de Criatividade Lexical (pp. xvii-xxi)

Amálgamas

1. Introdução

No contexto desta dissertação estudamos dois conceitos fundamentais para o campo da morfologia lexical – os de ‘produtividade morfológica’ e de ‘criatividade lexical’.

Refletimos, por um lado, sobre algumas das perspetivas que os especialistas têm apresentado acerca dos dois conceitos referidos e questionamos, por outro, o estatuto do conceito de ‘criatividade’ no campo da morfologia lexical, com base no estudo de três obras de crónicas – *Cronicando* (1991), *Pensatemos. Textos de Opinião* (2005) e *E se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções* (2009) - do autor moçambicano Mia Couto (1955-).

O conceito de ‘produtividade morfológica’ tem dado azo, nas últimas décadas, a inúmeras discussões e problematizações, sendo este um conceito fundamental no campo da morfologia lexical. Após a publicação da obra *Word Formation in Generative Grammar* (1976) de Mark Aronoff, o conceito de ‘produtividade’ passou a ser estudado de forma constante, tendo vindo a ser publicadas inúmeras obras de diversos autores¹ que, de uma maneira ou de outra, deram o seu contributo para o estudo deste tópico, ainda que as ideias apresentadas não sejam necessariamente consensuais, mas, pelo contrário, originem frequentemente longos debates.

Os dois conceitos - ‘produtividade’ e ‘criatividade’ – estão relacionados de forma estrita. Porém, enquanto o conceito de ‘produtividade’ ocupa um papel central e fundamental no campo da morfologia, o de ‘criatividade’ não tem sido alvo da mesma atenção, sendo, na maior parte das vezes, trabalhado por associação ou oposição com o de ‘produtividade’, por serem os seus processos tidos como irregulares e não baseados em regras.

No ponto 2, debatemos, através da apresentação de diversas teorias de vários autores, o conceito de ‘produtividade morfológica’. Começamos por referir a maneira como o conceito de ‘produtividade’, por vezes, era já trabalhado nas Gramáticas Históricas do Português, tornando-se posteriormente alvo de maior estudo e debate,

¹ Cf. ponto 2.

nomeadamente após a publicação de Aronoff (1976), Cutler (1980), Bayeen (1992, 1993, 1996) e Bauer (2001, 2003), entre outros.

Seguidamente, no ponto 3, abordamos o conceito de ‘criatividade lexical’, atentando nas reflexões de Basilio (2010), Correia (2003) e Mortureux (2008) e referimo-nos, como não podia deixar de ser, ao conceito de ‘criatividade linguística’ (tal como entendida sobretudo por Chomsky a partir de 1968) e de ‘neologismo’ (cf., por exemplo, Alves 2002), tendo em conta os exemplos que integram o *corpus*. Refletimos ainda sobre os contextos de uso da criatividade lexical, nomeadamente, a criatividade lexical e o texto jornalístico, e a criatividade lexical e o texto literário, questionando quais poderão ser os limites da criatividade lexical e porquê.

No ponto 4, passamos ao estudo e tratamento do *corpus* selecionado, para explorar a criação neológica de Couto e, daí, podermos melhor debater o estatuto da ‘criatividade’ no campo da morfologia. Seguidamente, relacionamos os dois conceitos em estudo – ‘produtividade’ e ‘criatividade’ – com base na análise do *corpus*.

Segue-se a Conclusão, as Referências e os Anexos.

2. O conceito de ‘produtividade morfológica’

O conceito de produtividade morfológica é fundamental na área da morfologia lexical e tem vindo a ser discutido nos últimos anos, sendo uma problemática comum a quase todos os que trabalham em formação de palavras.

Todavia, embora as preocupações não fossem de âmbito teórico, desde há muito que se referem aspetos relativos à ‘produtividade’. Por exemplo, nas Gramáticas Históricas do Português, ainda que não usando propriamente o conceito de ‘produtividade’, alguns autores, implicitamente, o apontam². De facto, Caetano (2003: 153) refere que podemos encontrar as noções de “vivo”, “ativo” e “produtivo” nas gramáticas históricas do português, o que atesta que a ideia de produtividade não é recente, mesmo se sendo trabalhada sob outras designações.

Nas últimas décadas, nomeadamente após a publicação da obra *Word Formation in Generative Grammar* (1976) de Mark Aronoff, autor que discute os conceitos de ‘possible’ e ‘actual words’, a ‘produtividade’ tornou-se uma constante fonte de estudo, o que demonstra, desde logo, a sua importância. Porém, se esta é considerada pelos morfólogos uma das noções centrais da morfologia lexical, o facto é que parece ainda não existir consenso por parte destes quanto a esta questão, tal como é, aliás, expresso por Bauer (2001:12):

Superficially there is disagreement in the literature about what it is that is productive. For some scholars, particular affixes are productive (Lulofs 1835: 157, cited in Schultink 1992a: 189, Fleischer 1975: 71); for others, it is morphological processes which are productive (Uhlenbeck 1978: 4; Anderson 1982: 585); for yet others, it is rules which are productive (Aronoff 1976: 36; Zwanenburg 1980: 248; Bakken 1998: 28); for some it is groups of processes which are productive (Al and Booij 1981: 32; Anderson 1982: 585); in Bauer (1983: 65-74) the productivity of a complete module of the grammar is discussed; while for another group of scholars productivity is a feature of the language system as a whole.

² “(...) Para Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913: 372), existem determinados sufixos que são “mais usados nas criações vernaculas”, ou seja, que são, em português, mais produtivos, nomeadamente: “-ada (*limonada, chibatada*), -aria (*sapataria, cavallaria*), -ade (*irmandade, sujidade*), -eiro (*sapateiro, charuteiro*), -ismo (*aboliconismo, jornalismo*), -ista (*aboliconista, escravista*), -agem (*friagem, criadagem*), -ão (*escravidão, amarellidão*) etc.”, no que diz respeito à formação de nomes, e o “suffixo -oso [que] foi, e é ainda, um dos mais produtivos: *gostoso, buliçoso, teimoso, amargoso, feioso*” (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913:372) na formação de adjetivos.” (cf. Caetano, 2003:95)

Bauer (2001: 11) refere também, em relação ao inglês, que “[The idea of productivity] has been available to English grammarians at least since Palsgrave’s *Lesclaircissement de la langue fancoyse* was published in 1530.”

Aronoff (1976) refere-se à produtividade como um dos mistérios centrais da morfologia derivacional³, refletindo sobre o papel dos estudos morfológicos em relação à constante formação de novas palavras⁴. Uma vez que são inúmeras (infinitas, mesmo, do ponto de vista do sistema linguístico) as possibilidades de criar novas palavras nas línguas, seria trabalho do morfólogo compreender que novas palavras os falantes podem formar e quais as regras que servem de base a essas formações. Assim, este autor propõe que é possível estabelecer uma escala de produtividade para cada Regra de Formação de Palavras (Word Formation Rules), consistindo a produtividade na relação entre as palavras possíveis e as palavras reais/existentes.

Cutler (1980), de outro modo, afirma que a produtividade de um dado afixo pode ser estudada de duas maneiras: observando a frequência relativa de ocorrência desse afixo na língua e observando a frequência com que os falantes o usam para criar *nonce-formations*⁵.

Já para Bayeen (1992) a produtividade parece ter tudo a ver com quantidades e escalas. Efetivamente, beneficiando do grande avanço da informática, aliada aos conhecimentos estatísticos, Bayeen (1992, 1993, 1996) defende o método quantitativo aplicado à produtividade. Se a taxa de ocorrência de uma dada forma for muito rentável, à partida, isto será um indício de que essa forma está disponível.

A fórmula mais usada para a medição da produtividade de uma palavra é a que Baayen apresenta em 1992 e que podemos observar abaixo:

$$P = \frac{n_1}{N}$$

Assim, P corresponde à produtividade de um processo morfológico particular num dado *corpus*; n_1 é o número dos *hapaxes legomena* formados por esse processo nesse

³ "(...) It is the root of the strange and persistent fact that, though many things are possible in morphology, some are more possible than others." (Aronoff, 1976:35).

⁴ "(...) the list of words which a speaker has at his command at a given moment is not closed. The speaker always has the capacity to make up new words, which he can then add to his repertoire. It thus remains the task of a morphology to tell us what sort of new words a speaker can form. (...) (cf. Supra:19)

⁵ *Nonce-formations*, *hapax legomena* ou simplesmente *hapax* são palavras que surgem apenas uma vez num dado *corpus* (cf. Aronoff & Fudeman, 2011:114).

mesmo *corpus*; N é o número total de *tokens*⁶ formadas no mesmo *corpus* através do mesmo processo.

Baayen, Dalton-Puffer e Plag (1999) afirmam:

[...] productivity seems to be a scalar concept. In other words, with some affixes one is more likely to encounter newly-formed words than with others, a fact that makes productivity a probabilistic notion which is susceptible to statistical analysis.

(Plag, Dalton-Puffer & Baayen, 1999: 10)

É, porém, importante ressaltar que este tipo de abordagem quantitativa recebeu duras críticas uma vez que, para autores como Bauer (2001:144)⁷, a produtividade não pode ser avaliada pela frequência⁸, uma vez que, apesar de isso nos poder fornecer indicações acerca da generalização de um dado processo morfológico, não permite aferir a disponibilidade desse processo.

Bauer é um dos investigadores que, nos últimos anos, mais se tem dedicado ao estudo da produtividade morfológica, fazendo um esforço de integração e problematização deste conceito e da maneira como este tem vindo a ser tratado no campo da morfologia:

I should say that there seems to be some dispute among morphologists about what it is that is productive: whether it is, for example, a particular pattern of suffixation, or a particular semantic pattern at some level of generality, or a particular way of creating grammatical forms (such as nominalisation, adjectivalisation, etc.).

(Bauer, 2003: 14)

Neste trabalho, partiremos da ideia de Bauer (2001: 97, destacado nosso) para quem,

Productivity is a feature of morphological innovation. It is a feature of morphological processes, which allow for new coinages, but not all coining necessarily indicates productivity. (...) In sum, *the productivity of a morphological process is its potential for repetitive non-creative morphological coining.*

⁶ *Tokens* são palavras concretas/particulares, isto é, as ocorrências de uma dada palavra.

⁷ Tal como, aliás, já anteriormente para Aronoff (1976:36).

⁸ A *frequência* refere-se ao número de palavras formados por determinado processo.

No excerto acima, podemos verificar que Bauer se refere à produtividade como o potencial que um dado processo morfológico tem de cunhar palavras de forma não criativa. Logo, Bauer parece diferenciar ‘produtividade’ de ‘criatividade’. De facto, uma das principais preocupações de Bauer é a distinção entre vários conceitos que muitas vezes são utilizados como sinónimos de ‘produtividade’ e que com este estão relacionados, mas que, para este autor, devem ser diferenciados. Bauer (2001) ocupa-se da distinção entre ‘produtividade’ e ‘rentabilidade’ e das relações entre ‘produtividade’ e ‘transparência’, ‘produtividade’ e ‘regularidade’ e ‘produtividade’ e ‘criatividade’.

No entendimento do autor, a ‘rentabilidade’ é diferente da ‘produtividade’ por dois motivos principais. Por um lado, existem processos através dos quais se continuam a produzir novas palavras ainda que com uma frequência baixa (Bauer 2001: 48 cita formações como *aclutter* e *awhir*). Por outro lado, existem processos de que os dicionários frequentemente dão conta, mas que não parecem ser usados na cunhagem (*coining*) de novas formas, como ocorre com o sufixo inglês *–ment*, por exemplo. Pegando no mesmo sufixo, Bauer argumenta que a ‘produtividade’ não pode ser confundida com ‘transparência’, porque nas formações com o sufixo *–ment* encontramos um processo morfológico que parece ser transparente, mas não produtivo.

Processos que são produtivos são muitas vezes regulares, mas um processo regular não precisa de ser produtivo. O conceito de ‘regularidade’ pode referir-se tanto a um padrão governado por regras (*rule-governed patterns*), isto é, um padrão previsível (sem alteração ou modificação das formas que não as esperadas) para podermos avançar uma descrição que reflete a maneira como novas palavras são cunhadas de acordo com um dado processo, como pode referir-se à frequência elevada de ocorrência de uma determinada palavra ou processo. A ‘regularidade’ pode ainda referir-se a uma formação morfológica e semanticamente transparente, isto é, composicional, que não foi sujeita a alomorfias e truncamentos. Aronoff (op. Cit.: 37-42), por exemplo, estuda os sufixos *–ness* e *–ity*, ambos formadores de nomes abstratos a partir de adjetivos, em relação à base *Xous* (*monstrous*, *fabulous*, etc.), chegando à conclusão de que a junção do sufixo *–ness* à base *Xous* é mais produtiva e regular do que a de *–ity*. Um dos motivos que leva a que isto suceda é que a semântica de *Xoussness* é mais coerente do que a de *Xousity* e também porque a junção de *–ness* às bases não desencadeia truncamentos nem alomorfias, contribuindo deste modo para que possamos prever o significado de palavras formadas de acordo com este processo.

Bauer (2001: 57-58) dá conta de uma série de palavras que não poderiam ser incluídas no conceito de ‘produtividade’, agregando-se antes em redor do conceito de ‘criatividade’, que discutiremos na seção seguinte. Essas palavras incluiriam aquelas que ocorrem apenas na poesia, em textos literários ou em títulos; as palavras onde um processo morfológico particular é usado para chamar a atenção, perdendo a sua transparência semântica; palavras ou processos morfológicos que ocorrem apenas no discurso ou na escrita de um determinado falante; processos morfológicos que ocorrem apenas numa única palavra ou processos morfológicos usados apenas na cunhagem de termos técnicos.

Conclui-se, portanto, que o conceito de produtividade mantém, atualmente, a sua centralidade no campo da morfologia lexical. Longe de a discussão acerca deste conceito estar concluída, a ‘produtividade’ é alvo de constantes discussões e problematizações, aguardando, ainda, uma definição congregadora, que consiga dar conta de toda a sua pluralidade.

3. O conceito de ‘criatividade lexical’

Quando nos referimos a ‘criatividade’, em linguística, podemos estar a referir-nos a dois tipos de criatividade que é preciso desde já diferenciar:

- a) A criatividade linguística propriamente dita;
- b) A criatividade lexical.

A criatividade linguística, tal como estudada e proposta por vários autores, entre os quais, Noam Chomsky, diz respeito à capacidade que todos os seres humanos possuem para produzir e compreender um número infinito de enunciados, mesmo que nunca os tenham ouvido antes. Chomsky defende que a gramática de qualquer língua permite o uso infinito de meios finitos, ou seja, baseando-se nas estruturas existentes na sua língua, qualquer falante possui a capacidade, tanto de compreender enunciados que nunca ouviu anteriormente, como de produzir enunciados que nunca foram produzidos por ninguém⁹.

“(…) The normal use of language relies in an essential way on this unboundedness, on the fact that language contains devices for generating sentences of arbitrary complexity. Repetition of sentences is a rarity; innovation, in accordance with the grammar of the language, is the rule in ordinary day-by-day performance. The idea that a person has a “verbal repertoire” – a stock of utterances that he produces by “habit” on an appropriate occasion – is a myth, totally at variance with the observed use of language. (…)”

(cf. Chomsky, 1968:118)

O conceito de ‘criatividade lexical’, por outro lado, não tem sido objeto de definição por muitos autores, ocupando por vezes um papel algo marginal em certas descrições morfológicas e lexicais. Efetivamente, este conceito, a ser discutido, é geralmente tido pelos autores como algo de inesperado, imprevisível, efémero e não regular, o que dificulta o seu estudo. Não obstante, a maioria dos autores parece concordar em relação às diferenças existentes entre ‘produtividade’

⁹ “(…) We pointed out earlier that the grammar of a language must, for empirical adequacy, allow for infinite use of finite means, and we assigned this recursive property to the syntactic component, which generates an infinite set of paired deep and surface structures (…).” (cf. Chomsky, 1968:155)

e ‘criatividade’.

Margarida Basilio (2010: 206)¹⁰, por exemplo, reflete sobre a diferença existente entre os dois conceitos, referindo-se ao facto de a ‘produtividade’ ser um conceito “usado em abordagens baseadas em regras”, enquanto que a ‘criatividade’ muitas vezes nem sequer é discutida, sendo as construções lexicais inesperadas “colocadas de lado”. Para além disto, a autora refere-se à dificuldade em encontrar critérios que avaliem a ‘criatividade’, já que é próprio da natureza desta o ser imprevisível (cf. Op. Cit.: 208).

Margarita Correia (2003: 4-5) refere-se à ‘criatividade’ como algo consciente e motivado¹¹. Também Rio-Torto et alli. (2016: 85-86)¹² chamam a atenção para este aspeto premente referindo que enquanto a ‘produtividade’ “é um mecanismo inconsciente” pelo qual o falante utiliza a competência morfológica que possui sem sequer, na maior parte dos casos, se dar conta de que está a produzir uma forma nova, a ‘criatividade’ é consciente, é deliberada.

Correia (op. Cit.) refere-se ainda à produtividade como “a capacidade inerente ao próprio sistema linguístico que permite a construção de palavras por processos interiorizados (...) e sistemáticos”, dizendo ainda que a produtividade “se manifesta através de processos regulares de construção de palavras.”, enquanto que a criatividade “se manifesta através do recurso a processos deformacionais de construção de palavras”.

O facto de a ‘criatividade’ ser consciente e deliberada levaria a uma maior manipulação do material morfológico e lexical. Daí estar a ‘criatividade’ associada a contextos publicitários e humorísticos, jornalísticos ou literários, em que se quer transmitir uma determinada mensagem¹³. Essa manipulação não ocorreria na ‘produtividade’, por esta ser inconsciente.

¹⁰ “Produtividade é um termo usado em abordagens baseadas em regras; é necessária uma reavaliação do conceito, aliás controverso. O conceito de criatividade, por outro lado, nem sequer foi discutido nestas abordagens. Adicionalmente, construções lexicais inesperadas, bem sucedidas ou não, são geralmente colocadas de lado, consideradas como não legítimas ou lexicalizadas”. (Basilio, 2010: 206)

¹¹ “(...) entende-se por “criatividade” a possibilidade que o falante possui para alargar o sistema linguístico, de forma consciente, por meio de princípios de abstracção e comparação imprevisíveis, mas motivados, na linha proposta por Lyons 1977, a propósito do uso de metáforas.” (Correia, 2003: 4-5)

¹² “A produtividade é um mecanismo inconsciente. O falante põe em prática a competência morfológica que possui, ou seja, os padrões morfológicos e gera um lexema ou uma forma de palavra, no caso da morfologia flexional, sem que tenha consciência que está a produzir uma forma nova. A criatividade é já um modo consciente de gerar o lexema. Não se aplica à morfologia flexional.” (Rio Torto et alli., 2016: 85-86)

¹³ Mais adiante, estudaremos os âmbitos de atuação da criatividade lexical (cf. pp. 15-20).

A ‘criatividade’ estaria ainda altamente dependente do contexto em que ocorre, tal como refere Mortureux (2008: 147), o que leva a uma menor possibilidade de as novas palavras se fixarem na língua (consistindo, na maior parte dos casos, de *hapaxes*).

Do que foi avançado pelos vários autores, a ‘produtividade’ e a ‘criatividade’ diferenciar-se-ão pelos seguintes aspetos:

	Produtividade	Criatividade
Estatuto no campo da morfologia	Central	Marginal (referido somente, na maior parte dos casos, por oposição ao conceito de produtividade)
Regularidade/previsibilidade	Regular e previsível	Irregular e imprevisível
Aplicação de regras	Dependente de regras	Aparentemente irregular, por não estar sujeita a regras
Manipulação do material morfológico e lexical	Pouca ou nenhuma	Presente e frequente
Novas formações/criações	Através de processos interiorizados e sistemáticos	Através de processos deformacionais da construção de palavras
Contexto da criação	Criação inconsciente, não deliberada e imotivada	Criação consciente, deliberada e motivada
Contexto de uso	Dia a dia; faz parte do léxico atestado da língua; presente nos dicionários	Contextos publicitários e humorísticos, jornalísticos ou literários; normalmente não faz parte dos registos lexicográficos, não estando presente nos dicionários ¹⁴
Dependência do contexto	Não	Altamente dependente do contexto de uso (por vezes não sendo interpretável fora deste)
Fixação das palavras na língua	Sim	Provavelmente não (ainda que tal seja possível) ¹⁵

Tabela 1. Diferenciação entre a criatividade e a produtividade

Como se sabe, as novas palavras criadas na língua e que ainda não estão dicionarizadas recebem o nome de neologismos.

Para a formação de neologismos contribuem de forma muito premente fatores sociais – são as transformações a nível social, quer elas sejam culturais, científicas, tecnológicas ou políticas, que vão provocar o aparecimento de novas palavras.

¹⁴ Todavia, algumas palavras geradas por mecanismos de criatividade lexical podem vir a ser reconhecidas, difundidas, e, deste modo, entrarem no léxico da língua.

¹⁵ Para Correia & San Payo de Lemos (2005:11): “(...) Em princípio, apenas os neologismos que surgem por uma necessidade denominativa estável têm alguma probabilidade de se fixarem no acervo lexical disponível aos falantes, ao passo que os restantes tipos de neologismos têm tendência a desaparecer”.

A neologia não estará, portanto, limitada ao domínio do conhecimento linguístico, mas refletirá, de outro modo, a sociedade em um determinado período.

Correia & San Payo de Lemos (2005:10) referem que “Uma das características universais da linguagem humana é a mudança. Qualquer língua é caracterizada pela mudança e a inovação. Todas as línguas evoluem necessariamente ao longo do tempo e a ausência de evolução significa para elas a morte.” Se a inovação lexical se extinguisse, isto é, se não ocorresse a entrada de novo léxico na língua, o que seria desde já difícil pois, como vimos, isso implicaria a ausência de mudanças e transformações na sociedade, deixaria de haver mudança e a língua desapareceria.

O mundo tecnológico e da informática é um dos que mais tem contribuído para que, nas últimas décadas, novas palavras entrem no léxico. Observem-se, por exemplo, expressões como “app”, “ego surfer”, “Google” e “spam”, que têm despontado nos últimos anos devido ao crescente uso e disseminação da Internet e do alargamento das redes sociais.

Campanhas políticas ou acontecimentos sociais de relevância acrescida contribuem também para a criação de novas palavras. De facto, na campanha presidencial norte-americana de 2012, foram criadas, entre outras, palavras como “republican’ts”, palavra referente aos apoiantes republicanos que não conseguiram, quando questionados, explicar o que significam as iniciais (GOP) do seu partido e “mitthead”, referente a um indivíduo que constantemente muda as suas posições políticas para agradar a uma determinada audiência.¹⁶

Estima-se que, por ano, milhares de palavras entrem na língua inglesa¹⁷. O Dicionário Urban Dictionary¹⁸ é uma boa fonte de informação quando se trata de aceder a neologismos da língua inglesa. Alguns neologismos recentes que podemos apontar são, por exemplo ‘askhole’ (referindo-se a alguém que faz demasiadas perguntas), ‘textpectation’ (a ansiedade que se sente quando se está à espera de uma mensagem), ‘nonversation’ (uma conversa inútil), ‘columbusing’ (quando alguém afirma ter descoberto algo novo que de facto não era novo, mas antes já existe há muitos anos) e

¹⁶ Cf. <https://www.vappingo.com/word-blog/great-examples-of-neologisms/>

¹⁷ Segundo o *Oxford English Dictionary*, uma das fontes mais completas quanto ao vocabulário da língua inglesa: <http://www.oed.com>

¹⁸ <https://www.urbandictionary.com>

‘unlightening’¹⁹ (quando se aprende algo que nos torna mais estúpidos).

Em relação à língua portuguesa (ainda que só na sua variante moçambicana) podemos apontar, na tabela 1 abaixo, os seguintes neologismos²⁰:

Neologismo	Tipo de neologismo	Contexto de ocorrência	Data e fonte ²¹
Atrapalho	Derivado regressivo (do verbo atrapalhar, com o significado de “dificuldade”, “barreira”)	“Mas apesar do <atrapalho> tem que lhe dar andamento.”	01.04.2011 “Jornal Savana”
Sobrecumprir	Derivado prefixal (com o significado de “cumprir além do que está estabelecido”)	“Metas <sobrecumpridas> em 2006 e promessas de continuar em 2007.”	14.07.2016 “Jornal Notícias”
Agricológico	Amálgama (resultante da união das palavras “agrícola” e “ecológico”)	“Temos boas condições <agrícolas>.”	30.08.2011 Televisão
Macronar	Derivado sufixal (Macron + -ar; significa adotar um comportamento semelhante ao do presidente francês Emanuel Macron)	“‘Por cá, dizem que <’macronar’> é arranjar namoro com uma kota.”	19.05.2017 “Jornal Savana”
Full	Neologismo por empréstimo (do inglês “full”, isto é, “cheio”)	"Disseram-me que só Deus os protege, pois aquele camião-assassino passa por ali muitas vezes, impávido e sereno, arrogante e <full> de carga letal."	24.06.2016 “Jornal Notícias”
Frenamo	Amálgama (junção das siglas FRELIMO e RENAMO)		20.02.2014 “Jornal Zambeze”

Tabela 2. Exemplos de neologismos do Português de Moçambique

¹⁹ Note-se que nenhum dos neologismos referidos está dicionarizado nos quatro dicionários online de referência que consultámos, ou seja, os dicionários *Merriam-Webster*, *Collins Dictionary*, *Dictionary* e *Cambridge Dictionary*, ainda que as palavras “askhole”, “textpectation” e “nonversation” estejam a aguardar aprovação por parte do Dicionário *Collins*.

²⁰ Podemos ainda indicar o neologismo “instagramáveis” (referente à rede social “Instagram”), do dia 10.12.2017 da revista online “Volta ao Mundo”: <https://www.voltaaomundo.pt/2017/12/10/jovens-millennials-estao-a-viajar-mais-porque-nao-conseguem-comprar-casa/>

²¹ Os neologismos referidos na tabela foram retirados do “Observatório de Neologismos do Português de Moçambique”, que consiste num inventário etiquetado de neologismos que ocorrem nos meios de comunicação. Está disponível para consulta em: http://catedraportugues.uem.mz/?__target__=

Segundo Alves (2002: 5)²², o conceito de neologia pode dividir-se em:

- a) Neologia fonológica (que incluirá as onomatopeias);
- b) Neologia sintática;
- c) Neologia derivacional (prefixal, sufixal e parassintética);
- d) Neologia composicional (composição subordinada, coordenada e composição por siglas ou acronímia);
- e) Neologia semântica;
- f) Neologia por empréstimo;
- g) Outros processos (amálgama, derivação regressiva, truncação e reduplicação).

Como referido acima e defendido por vários autores, como os já referidos Bauer (2001) e Correia (2003), a ‘criatividade lexical’ teria uma determinada função e contexto de ocorrência. Interessa-nos, no subponto seguinte, explorar alguns dos contextos em que a ‘criatividade lexical’ pode surgir, nomeadamente no texto jornalístico e no texto literário. Aproveitamos ainda para questionar quais poderão ser os limites (a havê-los) da ‘criatividade lexical’ e o que define esses limites.

²² Nesta obra, os neologismos do Português do Brasil são analisados tendo por base um *corpus* jornalístico das décadas de 1970 e 1980.

3.1. Âmbito de aplicação da criatividade lexical

Nas últimas décadas, o conceito de ‘criatividade’ tem vindo a ser largamente estudado noutras áreas que não a linguística, sobretudo na psicologia, onde é definido como:

(...) Creativity is any act, idea, or product that changes an existing domain, or that transforms an existing domain into a new one. And the definition of a creative person is: someone whose thoughts or actions change a domain, or establish a new domain. It is important to remember, however, that a domain cannot be changed without the explicit or implicit consent of a field responsible for it.

(Csikszentmihaly, 1996:28)

A criatividade parece estar dependente de um certo domínio em que se enquadra, domínio esse que dita que mudanças podem ou não nele ocorrer. Se assim for, não existirá algo a que podemos chamar de “ato criativo puro”, isto é, uma mudança/invenção totalmente livre ou desenquadrada. De facto, de acordo com Abuhamdeh & Csikszentmihaly (2004:21), o ato criativo estaria dependente e relacionar-se-ia com vários fatores.

Em primeiro lugar, o ato criativo estará enquadrado no domínio das artes visuais, da publicidade, do texto jornalístico, do texto literário, etc., e essa dependência dita determinados constrangimentos a que o criador tem de obedecer. Seguidamente, serão os responsáveis/especialistas do domínio em que o ato criativo se enquadra a aceitar ou não aceitar um dado movimento criativo. No campo da literatura, os responsáveis são, por exemplo, os editores, os críticos literários ou os académicos especialistas. Finalmente, o próprio indivíduo criador será o responsável por uma mudança ou um acrescentar de informação num dado domínio (estando este, porém, como já vimos, sempre dependente desse mesmo domínio, trabalhando a partir dele, reinventando-o).

Essa dependência a um contexto e o enquadramento em um dado domínio parece ocorrer também com a ‘criatividade’ lexical. De facto, Antunes (2012:41) considera o neologismo “um processo de criação lexical *inerente ao sistema linguístico* e ao desenvolvimento da sociedade, e que o neologismo é criado individualmente, por razões

diferentes e respondendo a diferentes necessidades.” (Destacado nosso). O neologismo estará, portanto, dependente do sistema linguístico e das suas regras, enquadrando-se de forma específica de acordo com diversos fatores ou contextos. Em primeiro lugar, fatores de ordem geográfica e temporal, que nos permitem identificar quando e onde um determinado neologismo surge, em que contexto cultural, histórico ou social.

Seguidamente, será importante atentar na maneira como um determinado neologismo foi criado, com base em que mecanismos, e na motivação por detrás da sua criação. Quem é o responsável pela sua criação – um falante, um jornalista, um escritor? Com que propósito o criou? Este surge de forma inconsciente ou trata-se de um deliberado exercício de criatividade?

Uma vez que o corpus em estudo é constituído por três livros de crónicas, género que contém características tanto do texto jornalístico como do literário, interessa-nos indicar, nos subpontos seguintes, ainda que sucintamente, as motivações para o surgimento de neologismos no texto jornalístico e no texto literário, baseando-nos nas seguintes questões: quais são os diferentes papéis e objetivos que a criatividade lexical ocupa em cada um dos contextos expressos abaixo? Que valor apresentam os neologismos em cada um dos casos? Porquê?

3.1.1. A ‘criatividade lexical’ no texto jornalístico

O mundo jornalístico parece ser um dos responsáveis pela introdução de novas palavras nas línguas, ou não fosse este um fenómeno global e massificador que afeta toda a sociedade. Veja-se a palavra ‘brexit’, por exemplo, que terá sido inicialmente criada em 2012 com base na palavra ‘grexit’ (referente à hipótese de a Grécia sair da União Europeia), e que começou a ganhar eco na comunicação social britânica e de língua inglesa em 2016 (daí expandindo-se para o resto do mundo), devido à possível saída do Reino Unido da União Europeia. Ambas estas palavras foram já cunhadas em inglês, estando referidas em dicionários online de referência, como o *Cambridge Dictionary* ou o *Collins Dictionary*.

O projeto *APRiL*²³ da *Birmingham City University*²⁴ reuniu inúmeros neologismos dos jornais ingleses *Independent* e *The Guardian*. Podemos apontar como alguns dos exemplos recolhidos as amálgamas ‘Anglocentrics’ (formada pelas palavras “Anglo” e “centric”), ‘puckhead’, (formada por “puck” e “head”), ‘recessionwear’ (formada por “recession” e “wear”), ‘shockvertising’ (formada por “shock” e “advertising”), ‘skullcrushing’ (formada pelas palavras “skull” e “crushing”) e ‘songtronica’ (formada pelas palavras “song” e “electronic”), entre outras; e os neologismos derivacionais, como ‘unenrolled’ (formada pelo prefixo “un-” e pela palavra “enrolled”), ‘un-soporific’ (formada pelo prefixo “un-” e pela palavra “soporific”) e nas palavras ‘pissedness’ e ‘scaleness’ (formadas, respetivamente, pelas palavras “pissed” e “scale” e pelo sufixo “-ness”).

Com base nos exemplos recolhidos pelo projeto *APRiL*, o texto jornalístico centrar-se-á mais na construção de palavras que supram uma dada necessidade – a de nomear um novo acontecimento ou realidade, sendo comumente utilizados processos de amálgama e de neologia derivacional para colmatar a falta de palavras/expressões verificada.

²³ <http://rdues.bcu.ac.uk/april.shtml>

²⁴ <http://rdues.bcu.ac.uk/neologisms.shtml>

3.1.2. A ‘criatividade lexical’ no texto literário

Estava eu já predisposto a escrever mais uma crónica quando recebo a ordem: não se pode inventar palavras.
Siga-se o código e calendário das palavras, a gramatical e dicionarica língua. Não é que eu tivesse intenção de inventar palavras. Até porque acho que a palavra descobre-se, não se inventa.
(...)
Voltando à língua fria: não será que o português não está já feito, completo, *made in* e tudo? Porquê esta mania de estrear caminhos, levantando poeira sem a devida direcção?
Devia exigir-se, à entrada da língua, um boletim de inspecção. E montavam-se postos de controlo, vigilanciosos.
Porque isto de falar ou escrever tem de ser dentro das margens. Como um rio manso e leve, tão educado que não acorde poeiras do fundo.
(Couto, 1991: 163-165)

A literatura é a arte da manipulação por excelência. Esta manipula as possibilidades das línguas de modo a expressar novos significados e realidades, para criar novos mundos.

O escritor, portador de uma enorme sensibilidade linguística e enriquecido por um vasto léxico, conhecedor dos seus sentidos e possíveis contextos de uso, está sempre a tentar ir para além dos seus próprios limites, para além do seu próprio mundo, da sua própria linguagem, porque o seu mundo começa e depende da linguagem.

Mia Couto, escritor moçambicano, é um dos autores do universo da língua portuguesa que mais se tem destacado, nas últimas décadas, quer pela temática das suas histórias, quer pela constante criação de neologismos.

A língua é um processo e não um *corpus* estático. Efetivamente, não há *status quo* na língua, e os neologismos contribuem para o aumento e mudança lexical desta.

Numa ocasião, diz o autor:

Da minha língua materna eu aspiro esse momento em que ela se desidioma, convertendo-se num corpo sem mando de estrutura ou de regra. O que quero é esse desmaio gramatical, em que o português perde todos os sentidos.
Nesse momento de caos e perda, a língua é permeável a outras razões, deixa-se mestiçar e torna-se mais fecunda. A língua é, só então, viagem viajada, namorada de outras vozes e outros tempos.
(Couto, 2009: 197)

Do texto acima, podemos destacar as expressões “desidioma” (que se trata de uma invenção de Couto), “desmaio gramatical”, “caos”, “perda” e “fecunda”. O autor refere a vontade de criar um projeto literário que busca o limite das palavras, o avesso destas, o “desmaio” das estruturas gramaticais. Esta busca depende e é acionada pela língua tal como ela se apresenta. Usa-se a língua para se ir além da língua. Estamos sempre dependentes desta. Aliás, só dependendo desta, só dela tendo um grande conhecimento, podemos inovar.

A relação língua-escritor parece ser simbiótica. Assim como a língua dá ferramentas de trabalho ao escritor, o escritor dá ferramentas à língua, na medida em que inventa novas palavras e pode desconstruir as que já existem, dando-lhes um novo uso.

De facto, ao longo da história da literatura, que acompanha e pode influenciar a história das línguas, inúmeros foram os escritores que contribuíram para o aumento e inovação do léxico destas.

Na língua inglesa, podemos destacar autores como William Shakespeare (1564-1616), Charles Dickens (1812-1870), Lewis Carroll (1838-1898), Rudyard Kipling (1865-1936), J.R.R. Tolkien (1892-1973) e J.K. Rowling (1965-), entre outros²⁵.

Só para dar alguns exemplos, Dickens criou palavras como ‘abuzz’, ‘devil-may-care’, ‘flummox’, ‘sawbones’, ‘whiz-bang’ e Lewis Carroll é conhecido por ter criado amálgamas como, ‘frabjous’ (= fabulous + joyous), ‘galumph’ (= gallop + triumph) ou ‘mimsy’ (= miserable + flimsy). Estas palavras tornaram-se, efetivamente, parte do léxico da língua inglesa, sendo ainda utilizadas na atualidade²⁶, o que demonstra que, se uma dada obra/autor tiver relevância (e repercussão) cultural suficiente, as novas palavras nela presentes podem entrar na língua e nela manter-se durante décadas.

²⁵ Cf. <http://time.com/4304578/shakespeare-english-langugae-400th-anniversary-death/>
<https://www.theguardian.com/books/2014/jun/17/authors-invented-words-used-every-day-cojones-meme-nerd>
<http://theweek.com/articles/467867/11-words-coined-by-charles-dickens>
https://www.huffingtonpost.com/oliver-tearle/words-from-literature_b_4030229.html
<https://www.theguardian.com/books/2014/nov/19/top-10-words-invented-writers-authorisms>
<https://www.collinsdictionary.com/word-lovers-blog/new/80-years-of-the-hobbit-the-unique-language-of-j-r-r-tolkien,388,HCB.html>
<https://www.merriam-webster.com/words-at-play/harry-potter-words>
<https://www.vappingo.com/word-blog/great-examples-of-neologisms/>

²⁶ Cf. Dicionário de referência *Collins English Dictionary*.

Em relação à língua portuguesa, podemos dar o exemplo de João Guimarães Rosa (1908-1967), um dos criadores que mais se destacou pela criatividade lexical da sua obra. Guimarães Rosa foi responsável pela criação de inúmeras palavras, de entre as quais podemos referir as palavras ‘enxadachim’, ‘taurophongo’, ‘embriagatinhar’, ‘velvo’ e ‘circuntristeza’²⁷. Tanto no caso de Guimarães Rosa como no caso de Mia Couto (que terá sido grandemente influenciado por Guimarães Rosa) parece haver uma relação entre o léxico utilizado e o estilo literário, na medida em que o estilo depende do léxico e o léxico suporta o estilo. A invenção das palavras não serviria apenas para nomear uma realidade que não poderia ser nomeada pelo léxico já presente na língua, mas antes para testar os limites da própria língua, para experimentar, jogar com, testar, romper limites, reinventar a linguagem.

A língua é, simultaneamente, a responsável pela criação e o meio pelo qual essa mesma criação é veiculada. A língua inova e inova-se constantemente e o ato da criação literária exacerba o uso criativo da linguagem que pode levar ao aumento e ao enriquecimento do léxico das línguas.

Mas... até que ponto é possível inovar? Até onde é possível ir no tratamento dado às palavras na criação literária? Eis o que discutiremos brevemente na seção seguinte.

²⁷ Cf. <https://livrolevesolto.wordpress.com/2014/11/19/nonada-circuntristeza-enxadachim-traduzindo-guimaraes-rosa/>

3.2. Os (des)limites da criatividade lexical ou a falência da comunicabilidade

Quais são os limites da criatividade lexical? É o escritor que define os limites da sua própria linguagem? O que aconteceria se o escritor fizesse uma escolha estética de tal modo ousada quanto à criação lexical que ninguém o compreendesse? Com quem comunicaria? Quem o compreenderia?

A literatura é a arte da comunicação por excelência. O escritor escreve para um público e visa comunicar-lhe, de maneira eficaz, uma determinada mensagem.

A criação de um novo código linguístico ou a total desfragmentação (pela reinvenção) de um existente implicaria a incomunicabilidade com o outro, algo que a literatura não procura.

Deste modo, não se cria do nada. As novas palavras criadas pelos escritores baseiam-se em processos presentes na língua. Com efeito, a criação neológica de um item lexical cuja estrutura e significado sejam completamente inéditos é muito rara. Ou seja, a criação neológica “ex nihilo” (i.e., a partir do nada) será invulgar e mesmo aquilo que se cria, sendo “novo”, provém já de algo pré-existente. Bauer (2003:3), referindo-se aos processos morfológicos, chama a atenção para este facto, dizendo que:

[...] If morphology deals with the internal structure of words, words are created on the whole from smaller elements which some of us insist on calling morphemes, and word-manufacture ex nihilo is rare (Bauer 1983:239), then the production of neologism without morphological structure is an embarrassment.

(Destacado nosso)

O mesmo acontece em relação aos processos não morfológicos, os quais estudaremos de forma mais objetiva abaixo, com base na análise de um *corpus*. As novas palavras, fruto da criatividade lexical, devem ser interpretadas e reconhecidas pelos falantes ou não haverá comunicação e, logo, a nova palavra não entrará na língua, não ocorrendo o alargamento do léxico. De facto, se a comunidade linguística não conseguir perceber o significado de uma determinada palavra ou estrutura, não a aceitará nem a replicará o que levará à sua não difusão e não entrada no léxico da língua.

Os neologismos criados pelos escritores são facilmente reconhecidos/compreendidos por qualquer falante nativo minimamente culto porque provêm de mecanismos presentes na língua partilhada por todos os falantes, língua essa que é, simultaneamente, o berço e a multiplicadora das palavras.

Para melhor podermos desenvolver este raciocínio e trabalhar a ideia da ‘criatividade lexical’, seleccionámos um *corpus* constituído por três obras do escritor moçambicano Mia Couto (1955-), no qual nos focaremos no ponto seguinte.

4. A ‘criatividade lexical’ nalgumas crónicas de Mia Couto

4.1. Constituição e análise do *corpus*

Como referimos anteriormente, Mia Couto é um dos criadores lusófonos contemporâneos que mais se tem destacado pela criatividade no uso dado à linguagem na sua obra. Nesta seção, interessa-nos atentar em três das suas obras, ou seja, *Cronicando* (1991), *Pensatempos. Textos de Opinião* (2005) e *E se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções* (2009), para explorar a criação neológica de Couto.

As três obras que constituem o *corpus* deste trabalho pertencem ao género da crónica²⁸ e foram publicadas entre 1991 e 2009²⁹. A obra *Cronicando* é uma obra de ficção enquanto as outras duas obras em estudo são obras de não ficção³⁰.

Foram recolhidos duzentos e dezasseis exemplos (não repetidos). Da obra *Cronicando* foram extraídos cento e noventa (190) exemplos, da obra *Pensatempos*, recolhemos onze (11) exemplos e da obra *E se Obama fosse Africano?* recolhemos cinco (5) exemplos. Foi efetuada uma recolha manual, através da consulta das obras seleccionadas. Os exemplos foram depois agrupados, primeiro por obra e depois por tipo de exemplo para auxiliar a sua posterior análise.

²⁸ Originalmente, “crónica” (do grego *khroniká*, “crónica”, neutro plural de *kronikón*, “relativo ao tempo”, pelo latim neutro plural *chronica*, “crónica”; “narrativa cronológica”) referia-se a textos que continham a narração de acontecimentos por ordem cronológica, sem apresentar qualquer análise ou interpretação dos factos narrados.

As crónicas começaram a ser escritas já na Antiguidade Clássica, mas foi durante a Idade Média e o Renascimento que estas atingiram o seu período áureo. Em Portugal, podemos destacar as crónicas de Fernão Lopes (*Crónica del Rei D. João I*, *Crónica de D. Fernando*, *Crónica de D. Pedro*, entre outras). Mais tarde, “crónica” passou a referir-se a textos de teor jornalístico, tendo como base factos ou assuntos da atualidade e nos quais os autores tendem a expor a sua opinião sobre esse mesmo assunto. Atualmente, “crónica” refere-se a uma narrativa ou história num sentido mais amplo.

Cf.

- Encyclopaedia Britannica: <https://www.britannica.com/art/chronicle-literature>
- Collins Dictionary: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/chronicle>
- Dicionário da Porto Editora: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/crónica>

²⁹ Das quatro obras de crónicas publicadas pelo autor, apenas três estão publicadas em Portugal, ficando de fora a obra *O País do Queixa Andar* (2003), publicada apenas em Moçambique.

³⁰ No contexto deste trabalho, não discutiremos o conceito de “género” ou de “género literário”. Ainda assim, é importante referir que “ficção” se refere, normalmente, a um trabalho literário criativo, normalmente em prosa. Este conceito exclui a poesia e o drama e inclui a narrativa, a novela e a crónica. Por outro lado, “não ficção” refere-se a um trabalho que se baseia em artigos de jornal, entrevistas, factos históricos, entre outros, para narrar acontecimentos verídicos.

Cf. Cuddon, John Anthony (2013: 279, 474)

Desde já podemos notar a enorme diferença que existe entre o número de exemplos retirados da obra de ficção em estudo em relação às obras de não ficção³¹.

As palavras em estudo foram selecionadas com base no critério da exclusão lexicográfica, isto é, excluindo todas as palavras já registadas nos dicionários de referência em que nos baseámos para a nossa análise, ou seja, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) e o *Dicionário da Porto Editora* (2015).

Todos os exemplos recolhidos foram tabelados e podem ser consultados na seção “Anexos” presente na parte final do trabalho. Para a nossa análise iremos dar conta de todos os processos, focando-nos, contudo, nos exemplos que nos parecem de mais interesse.

Numa primeira parte, trataremos dos exemplos resultantes de Processos de Formação de Palavras (grupo A) e, numa segunda parte, dos exemplos que resultam de Processos de Criatividade Lexical (grupo B).

³¹ Uma vez que a ficção consiste na criação de personagens e histórias e a não-ficção se baseia em acontecimentos verídicos, a ficção deixa, pela sua própria natureza, naturalmente mais espaço para a criatividade no uso dado à linguagem – criam-se novos mundos e novas realidades que muitas vezes deixam espaço para novas palavras ou expressões.

4.1.1. Análise de Alguns dos Exemplos Recolhidos

A) Exemplos resultantes de Processos de Formação de Palavras (Palavras formadas por Afixação);

A1) Palavras formadas por Prefixação ou Sufixação (*sessenta e seis exemplos*);

A2) Palavras formadas por Verbalização em *des-*, *-ar/-ear/-ejar/-inhar/-izar* (*quarenta e dois exemplos*);

A3) Diminutivos e Aumentativos (*oito exemplos*);

A4) Palavras formadas por Parassíntese (*cinco exemplos*).

B) Exemplos Resultantes de Processos de Criatividade Lexical.

- Amálgamas (*oitenta e três exemplos*).

Na nossa análise, utilizamos algumas abreviaturas, nomeadamente:

Abreviatura	Palavra Correspondente
Adj.	Adjetivo
Rad. adj.	Radical adjetival
Rad. adv.	Radical adverbial
Rad. nom.	Radical nominal
s.f.	Substantivo feminino
s.m.	Substantivo masculino
TV	Tema verbal
v.	Verbo

Tabela 3. Abreviaturas utilizadas na Análise dos Exemplos Seleccionados

A) Exemplos resultantes de Processos de Formação de Palavras (Palavras formadas por Afixação)

A1) Palavras Formadas por Prefixação ou Sufixação

Dos sessenta e seis exemplos recolhidos, seleccionámos trinta e um, que nos pareceram de maior interesse, para trabalhar com mais pormenor³². Serão tidos em consideração os prefixos *des-*, *in-* e *sub-* e os sufixos *-ado*, *-ção*³³, *-eiro*, *-ento*, *-ismo*, *-ista*, *-mente*, *-oso(a)*, *-udo* e *-usco*.

Em português, os prefixos juntam-se a palavras, e não a radicais. Os sufixos, pelo contrário, juntam-se geralmente a radicais (que podem ser nominais, adjetivais e verbais) e não a nomes, adjetivos e verbos, sendo estes últimos portadores de marcas de flexão (no caso de nomes e adjetivos, morfemas de género e de número; no caso de verbos, marcas de tempo e modo).

³² Na secção *Anexos* constam todos os exemplos recolhidos no *corpus*.

³³ Apesar de no Dicionário Houaiss o sufixo descrito ser *-ação* e não *-ção*, a vogal *-a* corresponde à vogal temática que faz parte do tema do verbo, servindo este de base para a formação de nomes.

Observemos primeiramente os Nomes e Adjetivos Formados por Prefixação:

Prefixo	Derivados	Análise
Des-	Descondutor (des- + condutor) Desidioma (des- + idioma) Desequilibrista (des- + equilibrista) Desmemorial (des- + memorial) Despastoreio (des- + pastoreio) Despenhasco (des- + penhasco)	O prefixo <i>des-</i> , em Português Europeu, só se associa geralmente a adjetivos (para indicar negação) e a verbos (para indicar ação contrária). Todavia, como podemos observar nos exemplos selecionados, Couto junta o prefixo <i>des-</i> a nomes, o que poderá estar relacionado com a variedade do português de Moçambique. Neste caso, e segundo a observação dos exemplos, o prefixo <i>des-</i> teria o mesmo uso do <i>des-</i> associado a verbos como os analisados acima, ou seja, indicaria 'o contrário'. Assim, <i>descondutor</i> refere-se a “alguém que não sabe conduzir ou que conduz muito mal”; <i>desidioma</i> refere-se ao “contrário de idioma, ou seja, a uma língua que não é língua”; <i>desequilibrista</i> prende-se com “o contrário de equilibrista ou alguém que não se consegue equilibrar”; <i>desmemorial</i> é o “contrário de memorial”, ou seja, refere-se ao esquecimento; <i>despastoreio</i> é um “pastoreio desorganizado ou sem sentido” e, finalmente, <i>despenhasco</i> é o “contrário de penhasco”.
In-	Inauditoria (in- + auditoria (s.m.)) Intranseunte (in- + transeunte (s.m.)) Irresponder (I- + responder (v.))	O prefixo <i>in-</i> denota privação ou negação. Deste modo, uma <i>inauditoria</i> é uma “não auditoria”, um <i>intranseunte</i> é “o contrário de transeunte” e <i>irresponder</i> é um verbo que designa “o contrário de responder”.
Sub-	Subfície (Sub- + superfície (s.f.))	No s.f. “subfície”, <i>sub-</i> tem a aceção de sotoposição, uma vez que se refere a “algo que está debaixo da superfície”.

Vejamos agora os Nomes, Adjetivos e Advérbios formados por Sufixação:

Sufixo	Derivados	Análise
-ado	Empresariado (Empresári- (rad. nom.) + -ado) Torcicolado (Torcicol- (rad. nom.) + -ado)	No caso da palavra <i>empresariado</i> , Couto utiliza o sufixo <i>-ado</i> como sufixo de função, cargo ou investidura, tal como ocorre nas palavras <i>comissariado</i> ou <i>patriarcado</i> , para se referir a 'alguém que pertence ao grupo dos empresários'. Já na palavra <i>torcicolado</i> , o sufixo <i>-ado</i> é utilizado como sufixo adjetival associado à noção de 'conexão' (isto é, 'conexo com'), como sucede nas palavras <i>abrutalhado</i> , <i>ameninado</i> e <i>despenteado</i> .
-ção	Palavreação (palavrea- (TV) + -ção) Tesouração (tesoura- (TV) + -ção)	Ao juntar o sufixo <i>-ção</i> aos temas verbais <i>palavrea-</i> e <i>tesoura-</i> , Couto forma palavras que denotam “a ação de falar ou de trocar palavras” e “a ação de utilizar a tesoura”.
-eiro	Inventeiro (invent- (rad. nom.) + -eiro) Migraceiro (migraç- (rad. nom.) + -eiro)	As palavras <i>inventeiro</i> e <i>migraceiro</i> referem-se, respetivamente, “àquele que inventa” e “àquele que emigra”. De facto, o sufixo <i>-eiro</i> junta-se a radicais nominais para formar substantivos que podem ser relativos, tanto a atividades profissionais (tal como ocorre nas palavras <i>chapeleiro</i> , <i>cozinheiro</i> e <i>enfermeiro</i>), a árvores e plantas (<i>loureiro</i> , <i>marmeleiro</i>), a locais (<i>areeiro</i> , <i>galinheiro</i>), como referindo-se a pessoas naturais de um certo local (<i>brasileiro</i> , <i>penicheiro</i>), entre outros usos. Nos exemplos em estudo, o sufixo <i>-eiro</i> foi utilizado no contexto das atividades profissionais, ainda que as palavras formadas não se refiram propriamente a profissões, mas antes a atividades realizadas por alguém (como inventar qualquer coisa ou migrar para qualquer lado).
-ento	Asilento Asil- (rad. nom.) + -ento	O sufixo <i>-ento</i> tem uma função intensificadora, formando adjetivos “com muito de” ou abundante em qualquer coisa”, estando presente em adjetivos como <i>agoirento</i> (cheio de agoiro), <i>amarelento</i> (muito amarelo), <i>aranhento</i> (cheio de aranhas), etc. Ao formar a palavra <i>asilento</i> , o autor refere-se, não só aos habitantes de um qualquer asilo, mas ainda “àqueles que estão cheios de asilo”, ou seja, que estão já a adquirir/adquiriram as características de quem vive num asilo.

-ismo	Coitadismo (coitad- (rad. adj.) + -ismo) Sacristianismo (sacristian- (rad. nom.) + -ismo)	A palavra <i>coitadismo</i> refere-se ao movimento ou ação de “fazer-se de coitado”, denotando algo ou alguém (neste caso, uma sociedade), que constantemente se queixa. Já a palavra <i>sacristianismo</i> refere-se ao “ato de ser sacristão” ou “desempenhar a função de sacristão”, com um sentido altamente pejorativo.
-ista	Esmolista (esmol- (rad. nom.) + -ista) Subornista (suborn- (rad. nom.) + -ista) Workshopista (workshop (rad. nom.) + -ista)	Quando nos deparamos com palavras como <i>esmolista</i> , <i>subornista</i> e <i>workshopista</i> , deparamo-nos, tal como ocorre com as palavras estudadas imediatamente acima, com uma crítica ou a expressão de algo pejorativo. Isto porque o sufixo <i>-ista</i> está relacionado com o sufixo <i>-ismo</i> . Assim, a palavra <i>esmolista</i> refere-se a alguém cuja forma de vida/de subsistência é a de pedir esmolas, <i>subornista</i> é aquele que suborna e <i>workshopista</i> , aquele que assiste a ou que dá muitos <i>workshops</i> .
-mente	Criaturamente (criatura + -mente) Oportunistamente (oportuna (adj.) + -mente)	O sufixo <i>-mente</i> forma advérbios (tais como <i>fortemente</i> , <i>gentilmente</i> e <i>felizmente</i>). Neste sentido, <i>criaturamente</i> é formado para dar a ideia de “como uma criatura” e <i>oportunistamente</i> é formado com o sentido de “maneira oportunista”.
-oso(a)	Discursoso (discurs- (rad. nom.) + -oso) Farraposo (farrap- (rad. nom.) + -oso) Perguntoso (pergunt- (rad. nom.) + -oso)	O sufixo <i>-oso</i> tem o sentido de “abundancial, intensificador”. Logo, <i>discursoso</i> é “aquele que faz muitos discursos”, <i>farraposo</i> é “aquele que tem muitos farrapos” e <i>perguntoso</i> “aquele que faz muitas perguntas”.
-udo	Esfarrapudo (esfarrap- (rad. adj.) + -udo)	<i>-udo</i> é um sufixo utilizado para exprimir abundância, tal como <i>-oso</i> , mas geralmente com uma conotação pejorativa. Logo, <i>esfarrapudo</i> é “aquele que se critica por ter muitos farrapos”. Encontra-se presente em palavras como <i>abelhudo</i> , <i>cabeludo</i> , <i>narigudo</i> , etc.
-usco	Militarusco (militar (adj.) + -usco)	O autor podia ter utilizado a expressão “do tipo militar” em vez da palavra <i>militarusco</i> , uma vez que o sentido seria o mesmo. Porém, no seguimento de palavras como <i>vermelhusco</i> , <i>militarusco</i> surge como uma palavra dotada de um sentido, por um lado lúdico e divertido, por outro, pejorativo, uma vez que dá à palavra <i>militar</i> um sentido infantil, subordinado.

A2) Palavras Formadas por Verbalização

Sufixo	Derivados	Análise
des-	Desadivinhar (des- + adivinhar (v.)) Desapinhar (des- + apinhar (v.))	Uma vez que o prefixo <i>des-</i> , quando associado a verbos, indica ação contrária, os verbos em estudo indicam, respetivamente, a ação de “não adivinhar ou adivinhar mal” e “sair da pinha, isto é, sair do meio da multidão” (o que está relacionado com a expressão idiomática “estar à pinha”, ou seja, “estar muito cheio”).
-ar³⁴	Anedotar (Anedot- (rad. nom.) + -ar) Bonitar-se (Bonit- (rad. adj.) + -ar (-se)) Cachorrar (Cachorr- (rad. nom.) + -ar) Cronicar (Crónic- (rad. nom.) + -ar) Fluviar (Fluvi- (rad. adj.) + -ar) Solteirar (Solteir- (rad. adj.) + -ar)	Todos estes verbos foram formados através da junção do sufixo derivacional <i>-ar</i> . Este sufixo junta-se tanto a radicais nominais como adjetivais, para formar verbos. Couto forma os verbos <i>anedotar</i> , <i>bonitar</i> , <i>cachorrar</i> , <i>cronicar</i> e <i>pescadorar</i> com base em nomes, e o verbo <i>fluviar</i> com base no adjetivo <i>fluvial</i> . <i>Anedotar</i> significa contar anedotas ou fazer piadas com base numa dada situação ou história, <i>cachorrar</i> significa tornar cachorro ou fazer-se de cachorro e <i>cronicar</i> significa escrever crónicas. A palavra <i>solteirar</i> é formada com base na palavra “solteiro” e prende-se com alguém “levar vida de solteiro” ou “ser solteiro”. Já o verbo <i>fluviar</i> surge, no contexto da obra, com um sentido temporal, da passagem do tempo, que se vai movendo sem parar nunca (o que poderá estar relacionado com a imagem do rio da Antiguidade Clássica, isto é, o rio é como o tempo, nunca volta para trás).
-ear	Flagrantear (flagrant- (rad.nom.) + -ear) Gaivotear (gaivot- (rad.nom.) + -ear) Hipotesear (hipótes- (rad.nom.) + -ear)	<i>Flagrantear</i> tem a ver com “algo ou alguém ter sido apanhado a cometer um ato impróprio ou um delito”. <i>Gaivotear</i> (tal como <i>cachorrar</i> , descrito acima), pode referir-se, tanto a “tornar algo numa gaivota”, como a “comportar-se como uma gaivota”. <i>Hipotesear</i> prende-se com “formular hipóteses” (o que está relacionado com o verbo <i>cronicar</i> , descrito acima).
-ejar	Dentejar (dent- + -ejar)	O verbo <i>dentejar</i> prende-se com o movimento dos dentes, significando “dar ao dente”.

³⁴ O sufixo derivacional *-ar* junta-se a radicais nominais/adjetivais para formar verbos (ex. invej + -ar). A conjugação em *-ar*, segundo informação do *Dicionário Houaiss* (2001), perdura praticamente como a única fecunda.

-inhar	Amendoinhar (Amendo- (rad. nom) + -inhar), na aceção de “dar a forma de amêndoa”	<i>Amendoinhar</i> significa tornar algo em amêndoa.
-izar	Moçambicanizar (Moçambican- (rad. adj.) + -izar) Mulatizar (mulat- (rad. adj.) + -izar)	O sufixo <i>-izar</i> expressa o significado de ação em curso. <i>Moçambicanizar</i> significa tornar moçambicano e <i>mulatizar</i> significa tornar mulato.

A3) Diminutivos e Aumentativos

- Diminutivos:

Segundo a definição presente no *Dicionário Houaiss*, o sufixo *-(z)inho* junta-se a substantivos (como ocorre nas palavras *anjo-anjinho*), a adjetivos (*barrigudo-barrigudinho*) e a advérbios (*agora-agorinha*), podendo ser encontrado em palavras como “*aviãzinho*”, “*cadeirinha*”, “*cãozinho*”, “*murozinho*” e “*pedrinha*”.

É possível ocorrer a multiplicação de sufixos diminutivos na linguagem afetiva (tratando-se de recursividade sufixal), tal como ocorre em: *menino:menininho:meninozinho:menininhozinho*.

Este sufixo ocorre ainda com valor intensificador tanto em advérbios (*agorinha*, *devagarzinho*), como em adjetivos ([céu] *azulinho*, isto é, muito azul, [estante] *tortinha* (muito torta).

De acordo com o *Dicionário Houaiss*, *-inho* é sistematicamente evitado nos casos em que a palavra, no grau normal, termina em vogal tónica nasal ou ditongo (como ocorre nas palavras *capitãozinho*, *orfãozinho*).

Assumindo que *-inho* e *-zinho* são sufixos e não alomorfes, listam-se abaixo alguns exemplos, em que se pode observar que Couto utiliza estes sufixos diminutivos para a formação de novas palavras.

Diminutivos	Análise
Atentinho (atent- (rad. adj.) + -inho)	Palavras como <i>atentinho</i> , <i>cabisbaixinho</i> e <i>tranquilinho</i> são palavras que testemunham o uso do diminutivo –inho com valor intensificador. As palavras <i>atentinho</i> e <i>tranquilinho</i> , transmitem, respetivamente, a ideia de que alguém está muito atento e muito tranquilo. Couto pega na palavra <i>cabisbaixo</i> , uma palavra que faria por si só referência a alguém que está de cabeça baixa e, logo, mais pequeno do que o normal, e exacerba-a pela junção do sufixo –inho. Alguém não está apenas cabisbaixo – está <i>cabisbaixinho</i> , isto é, ainda mais cabisbaixo do que o normal.
Cabisbaixinho (cabisbaix- (rad. adj.) + -inho)	
Tranquilinho (tranquil- (rad. adj.) + -inho)	
Minimozinho (mínimo- (rad. adj.) + -zinho)	Tal como sucede em <i>muro-murozinho</i> , Couto cria as palavras <i>minimozinho</i> e <i>unzinho</i> , para criar um efeito de diminuição/pequenez.
Unzinho (um- (rad. adj.) + -zinho)	
Empurrinho (empurr- (rad. nom.) + -inho)	Este exemplo revela-se de grande interesse pois não está de acordo com o que está descrito no <i>Dicionário Houaiss</i> e foi referido acima. Efetivamente, Couto, ao invés de formar a palavra <i>empurrãozinho</i> , o que viria no seguimento de palavras como <i>capitãozinho</i> e <i>orfãozinho</i> , forma a palavra <i>empurrinho</i> . Ambas as palavras, <i>empurrãozinho</i> e <i>empurrinho</i> teriam o mesmo significado, i.e., um pequeno empurrão, ou um empurrão com pouca intensidade.

Como exemplo aumentativo, encontramos a palavra ‘*camiãozarrão*’ formada pela união do substantivo masculino ‘camião’ e do sufixo avaliativo –zarrão.

O sufixo –zarrão, tal como qualquer sufixo z-avaliativo³⁵ combina-se com palavras (ao contrário dos sufixos avaliativos, que se soldam a radicais) e utiliza-se para exprimir, quer uma carga afetiva negativa, quer aumento ou intensificação, tal como no exemplo apresentado (cf. Anexos), ou seja, neste caso, o sufixo –zarrão é empregue referindo-se à grande dimensão do camião.

³⁵ Cf. Rio Torto et alli., op. citada: 357-371.

A4) Palavras Formadas por Parassíntese

Afixos	Derivados	Análise
A- + relâmp- (rad. nom.) + ejar	Arrelampejar	O verbo <i>arrelampejar</i> é o resultado da união à palavra “relâmpago” do prefixo <i>a-</i> e do sufixo <i>-ejar</i> , significando, no contexto em questão “parecer um relâmpago” ou “agir como um relâmpago”.
A- + Tangerin- (rad. nom.) + - ar	Atangerinar	O verbo <i>atangerinar</i> é o resultado da união à palavra “tangerina” do prefixo <i>a-</i> e do sufixo <i>-ar</i> , significando “transformar numa tangerina”.
Em- + Pássar- (rad. nom) + - ar	Empassarar	O verbo <i>empassarar</i> resulta da união do prefixo <i>em-</i> e do sufixo <i>-ar</i> à palavra “pássaro” e tem o significado de “tornar pássaro”.
En- + Crianç- (rad. nom) + -ar (-se)	Encriançar-se	O verbo <i>encriançar-se</i> resulta da união do prefixo <i>en-</i> e do sufixo <i>-ar</i> à palavra “criança” e tem o significado de “tornar criança”.
En- + Tempest(ade) (rad.nom.) + -ar	Entempestar	O verbo <i>entempestar</i> resulta da união do prefixo <i>en-</i> e do sufixo <i>-ar</i> à palavra “tempestade” e tem o significado de “tornar o tempo tempestuoso”.

B) Exemplos Resultantes de Processos de Criatividade Lexical:

- Amálgamas

A amálgama, também chamada de “cruzamento vocabular” (no português do Brasil), “blending” (em inglês) e “mot-valise” (em francês), resulta da junção de duas bases lexicais que geralmente são encurtadas antes de se soldarem, tal como ocorre nas palavras *diciopédia* (que resulta da união de “dicionário” e “enciclopédia”) e *portunhol* (resultante da união de “português” e “espanhol”)³⁶. De entre os exemplos recolhidos no *corpus* analisado, as amálgamas surgem em maior quantidade (foram recolhidos oitenta e cinco exemplos). Efetivamente, Mia Couto cria inúmeros neologismos através da junção de bases quer verbais, quer nominais, quer adjetivais, o que leva, por um lado, à expressão de novos efeitos de sentido e, por outro, à perplexidade e surpresa e, também, ao efeito cômico. A maioria dos exemplos criados são facilmente compreendidos por qualquer falante nativo, mas também existem aqueles que exigem um melhor conhecimento do contexto que levou à sua criação. Assim, de entre os exemplos recolhidos, uns há que são facilmente reconhecidos independentemente do contexto e outros que dependem dele. Um olhar mais aprofundado aos exemplos irá permitir-nos desenvolver estas ideias.

Para facilitar a observação dos exemplos, dividimos os exemplos em análise em três grupos:

1. Adjetivos;
2. Nomes;
3. Verbos.

³⁶ Cf. Rio-Torto et alli, 2016: 124

Comecemos por analisar os Adjetivos:

Adjetivos	Análise
Cabistonto	Resultante dos adjetivos <i>cabisbaixo</i> e <i>tonto</i> , <i>cabistonto</i> faz referência a alguém que não tem nenhum valor, a quem ninguém liga muita importância por ser “desequilibrado” e que, por isso, avança por entre a multidão “de cabeça baixa e de maneira anónima”.
Calhamaçudo	De <i>calhamaço</i> (s.m.) e <i>maçudo</i> (adj.), refere-se a um livro que é simultaneamente “muito grande” e “muito aborrecido”, o que se prende com o carácter teórico do livro em questão.
Civilixado	Dos adjetivos <i>civilizado</i> e <i>lixado</i> ; refere-se a algo ou alguém que foi prejudicado pela civilização, i.e., que pertence à civilização, que confia na civilização, mas cuja confiança foi quebrada por esta.
Furiabundante	De <i>fúria</i> (s.f.) e <i>abundante</i> (adj.); em vez de escrever “com uma fúria abundante” ou “cheio de fúria”, o autor opta por unir os dois adjetivos, referindo-se a alguém que se encontra muito furibundo.
Humiudinho	Ao unir as palavras <i>húmido</i> e <i>miudinho</i> , cria-se o valor de “pequeno pela humidade” ou “algo que a humidade faz pequeno”. Couto opta por utilizar o diminutivo da palavra “miúdo” que, por si só teria já o valor de “pequeno” ou de “pequenas dimensões”, talvez porque a união de “húmido” com “miúdo” não fosse semanticamente tão clara, originando-se qualquer coisa como “húmiudo” que, também foneticamente, lembraria mais “o miúdo”.
Roxobilitado	De <i>roxo</i> (adj.) e <i>reabilitado</i> (adj.); refere-se a algo que foi “reabilitado em roxo”, ou seja, que não era roxo inicialmente, mas agora é; algo a quem deram uma nova vida/identidade por via da aplicação da cor roxa.
Satisdesfeito	De <i>satisfeito</i> (adj.) e <i>desfeito</i> (adj.); refere-se a alguém que está “desfeito pela satisfação” ou cuja satisfação foi de alguma maneira desfeita, ou, como parece deduzir-se pelo contexto, que está satisfeito.
Sandesfeito	De <i>sandes</i> (s.m.) e <i>satisfeito</i> (adj.); a sonoridade de <i>sandesfeito</i> é próxima da de <i>satisfeito</i> , pelo que pode fazer sentido pensar que a união das palavras <i>sandes</i> e <i>satisfeito</i> parece ter os dois significados expostos abaixo, ou seja: - Alguém que ficou satisfeito porque comeu uma sandes; - Alguém que está satisfeito por comer sandes (e não precisa de comer mais nada porque as sandes lhe bastam).

De entre os Nomes recolhidos, podemos destacar:

Nomes	Análise
Alcatramado	De <i>alcatrão</i> (s.m.) e <i>tramado</i> (s.m.); tal como no caso da palavra <i>civilixado</i> , em que alguém foi prejudicado pela civilização, nesta palavra “alguém foi tramado pelo alcatrão”, isto é, o alcatrão teve responsabilidade sobre a vida ou o bem-estar de alguém.
Centidezenas	De <i>centenas</i> (s.f.) e <i>dezenas</i> (s.f.); ao unir as palavras <i>centenas</i> e <i>dezenas</i> , o autor cria o efeito de “centenas de dezenas”, isto é, muitas dezenas. Ao invés de “dezenas e dezenas”, ou “muitas dezenas”, sintetiza-se em <i>centidezenas</i> .
Engasganete	De <i>engasga</i> (v.) e <i>gasganete</i> (s.m.); refere-se a “uma garganta engasgada” devido à aflição.
Falgato	De <i>falcão</i> (s.m.) e <i>gato</i> (s.m.); neste caso, Couto recorre a uma das características do falcão, os olhos, que considera felinos, para o chamar de <i>falгато</i> .
Imagináutica	De <i>imaginação</i> (s.f.) e <i>náutica</i> (s.f.); tal como se navega fisicamente num espaço, primeiramente um rio, mar ou oceano (ainda que atualmente se possa também “navegar a internet”, navegando de uma forma virtual, portanto), pode-se “navegar mentalmente” para outros tempos e outros espaços através da imaginação. Parece que o autor está precisamente a jogar com essa possibilidade, ou seja, a dizer que a imaginação é também navegação.
Mortorista	O autor junta duas palavras começadas com a letra <i>M</i> , morto (adj.) e motorista (s.m.) para criar a palavra <i>mortorista</i> , facilmente compreensível, mesmo fora do contexto, como tratando-se de um motorista que está morto.
Timiúdo	De <i>tímido</i> (adj.) e <i>miúdo</i> (s.m.), indicando um “miúdo tímido”, Couto joga com o significado tanto de <i>miúdo</i> (pequeno, de pequenas dimensões, mas que podemos também associar a uma certa fragilidade) com o de <i>tímido</i> (acanhado, inseguro, débil, como muitas das crianças são).

Finalmente, observemos os Verbos seguintes:

Verbos	Análise
Alfabater	De <i>alfabeto</i> (s.f.) e <i>bater</i> (v.), criando a ideia de “bater com o alfabeto”, isto é, trocar palavras de uma forma violenta. Não é por acaso que, à violência física, se associa também muitas vezes a violência verbal, que consiste na troca violenta e muitas vezes insultuosa de palavras.
Deliurrar	De <i>delirar</i> (v.) e <i>urrar</i> (v.), criando-se a ideia de “algo ou alguém que urra de delírio”, isto é, “que urra para exprimir delírio”.
Flutuarajar	De <i>flutuar</i> (v.) e <i>arejar</i> (v.), estando ambos os verbos associados à noção de movimento. De facto, enquanto <i>flutuar</i> se refere a algo que se mantém no ar, isto é, que paira, mas também pode significar <i>agitar-se e revolver-se</i> ³⁷ ; o verbo <i>arejar</i> tem a ver com o elemento <i>ar</i> , ou seja “fazer circular o ar”. <i>Flutuarajar</i> será, então, “arejar pela flutuação”.
Saltitar	<i>Saltitar</i> (v.) e <i>tiritar</i> (v.); o autor junta dois verbos, ambos expressando movimento, para criar a ideia de “saltar de tanto tiritar”, isto é, “saltar de frio”.
Vislembrar	<i>Vislumbrar</i> (v.) e <i>lembrar</i> (v.); porque quando nos lembramos de algo, uma imagem passa pela nossa cabeça, Couto junta os verbos <i>vislumbrar</i> , sinónimo de <i>entrever</i> e <i>lobrigar</i> ³⁸ ; e <i>lembrar</i> , indicando alguém que, ao ver, se lembra de alguma coisa.

³⁷ Segundo o Dicionário da Porto Editora: www.infopedia.pt.

³⁸ Segundo o Dicionário da Porto Editora: www.infopedia.pt.

4.2. Contribuição dos dados do *corpus* para o estudo da criatividade lexical

Com base na análise dos exemplos apresentados acima, podemos verificar que Mia Couto utiliza apenas recursos disponíveis, isto é, existentes no sistema linguístico do português, para criar novas palavras. Tal como o escultor está limitado pelo material com o qual trabalha, na medida em que necessita ou parte sempre de um determinado material, quer esse material seja o ferro ou a pedra, mas, partindo dessa limitação, pode inovar a forma das esculturas, criar esculturas nunca vistas anteriormente, etc., assim também o escritor pode inovar no tratamento dado às palavras partindo sempre, porém, de estruturas pré-existentes, presentes na língua partilhada por todos os seus falantes. Neste sentido, podemos observar uma dualidade – a simultânea liberdade criativa e prisão, na medida em que podemos criar novas palavras, mas dependemos de mecanismos já existentes na língua para criar essas novas palavras.

As novas palavras provocam um enorme impacto no público-leitor, não porque este não reconheça a forma e o significado dos derivados, por exemplo, mas pelo fator de novidade que estes comportam. Quem lê não pode deixar de ser surpreendido, o que o leva a continuar a ler, para se poder continuar a surpreender, criando-se um efeito, por um lado, de engajamento com a obra, e, por outro de descodificação – de palavras que o leitor vê/ouve pela primeira vez.

Nas obras literárias, a língua é como uma ferramenta que é utilizada de forma criativa, que é manipulada para apresentar novos mundos e novas realidades aos leitores e, no caso de um autor como Mia Couto, essa criatividade vê-se reforçada pela própria linguagem utilizada que acaba por se tornar um estilo pessoal do autor. Com efeito, a escrita de Mia Couto é única, irrepetível e, por este motivo, facilmente reconhecível. Estamos perante um caso em que o estilo é tão ou mais importante do que a história, em que o projeto literário passa, mais ainda do que pela construção de personagens e de histórias, pelo desenvolvimento e apresentação de um estilo.

Longe de as investigações acerca de o conceito de ‘produtividade’ estarem concluídas, estas provocam, ainda na atualidade, reflexões por partes daqueles que trabalham em morfologia lexical, ou não fosse o conceito de ‘produtividade’ um conceito fundamental para o campo da morfologia há muitas décadas.

O conceito de ‘criatividade’, por outro lado, parece ser trabalhado, na maior parte dos casos, de forma adjacente ao de ‘produtividade’, isto é, este não ocupa um lugar central nas investigações dos morfólogos, sendo referido, constantes vezes, somente por oposição ao conceito de ‘produtividade’.

Tomando novamente em consideração a Tabela 1, presente no ponto 2 (página 11), a ‘produtividade’ será regular e previsível, altamente dependente de regras, sendo as palavras formadas de maneira sistemática através de processos interiorizados e não sofrendo o material morfológico e lexical manipulação (ou sendo essa manipulação reduzida), uma vez que a sua criação é inconsciente e, logo, não propositada.

De outro modo, a ‘criatividade’ será irregular e imprevisível, não sujeita a regras, sendo os materiais morfológicos e lexicais manipulados com vista a um determinado fim, e as novas palavras criadas de maneira consciente, deliberada e motivada.

Tendo em conta aquilo que foi demonstrado pelo estudo dos exemplos no ponto 4, acima, podemos concluir que, se é verdade que as palavras de Couto foram criadas de maneira consciente, deliberada e motivada, com vista a um determinado objetivo – o de criar um efeito de surpresa no leitor -, estas não são certamente o resultado de uma criação irregular ou imprevisível não sujeita a regras, precisamente porque partem de mecanismos já existentes no sistema linguístico, sujeito a um funcionamento bem definido. Efetivamente, Couto não faz mais do que utilizar ferramentas já presentes na língua de forma a causar um efeito-surpresa no leitor, nunca chegando a destabilizar ou destruir o sistema de modo a que este se torne irreconhecível e, por isso, intransponível, pois um dos objetivos da literatura é o de comunicar histórias e ideias.

Processos como o da amálgama, sobejamente utilizado por Couto, geralmente olhado pelos estudos de morfologia como irregular e relegado para o campo da ‘criatividade’, que detém ainda um estatuto marginal no campo da morfologia lexical, é um processo que utiliza recursos presentes na língua. Por este motivo, não nos parece que faça sentido que continue a falar-se em irregularidade quando se trata de processos que não sejam exclusivamente a derivação e a composição.

Tanto os processos produtivos de formação de palavras como os processos criativos são a força motriz que contribui para que a língua continuamente se reinvente e para que o léxico se inove, dotado de uma nova amplitude, de um novo fôlego, de uma nova vida, enfim.

6. Conclusão

O estudo da ‘produtividade morfológica’ revela-se um trabalho continuado para o campo da morfologia lexical pois, apesar das investigações efetuadas, ainda não se chegou a consenso, de modo a que exista uma definição congregadora do conceito sob observação. Se Aronoff (1976) considera que podemos verificar a relação existente entre as palavras possíveis e as palavras reais e, deste modo, estabelecer uma escala de produtividade para cada Regra de Formação de Palavras, consistindo a produtividade na relação entre palavras possíveis e palavras reais/existentes, Cutler (1980) afirma que a produtividade de um determinado afixo derivacional pode ser estudada observando a frequência de ocorrência desse afixo e atentando na frequência com que os falantes o usam para criar *nonce-formations*. Baayen (1992), por sua vez, afirma que a produtividade está relacionada com quantidades e escalas, perspectiva contra a qual Bauer (2001) se posiciona, uma vez que este considera que a produtividade não pode ser avaliada pelo fator frequência.

O conceito de ‘criatividade lexical’, de outro modo, não é de fácil definição, e talvez isso explique o ter sido relegado para segundo plano, apontando-se que é problemático que ele seja tratado no campo da morfologia.

No contexto deste trabalho, recorreremos a três obras de crônicas do escritor Mia Couto para verificar de que modo algumas das palavras presentes nas obras deste autor são criadas, com base em que mecanismos, e até que ponto são os processos utilizados na construção dessas palavras dependentes de estruturas pré-existentes na língua.

Do nosso estudo, podemos então concluir que as palavras formadas e criadas por Mia Couto são geradas de acordo com os processos disponíveis. As regras e os recursos linguísticos ditam ou definem de que modo novas palavras podem ser formadas e criadas.

Processos como o da amálgama, por exemplo, que geralmente não são tidos em conta pelos estudos morfológicos por serem considerados não regulares, são processos que utilizam recursos desde há muito existentes na língua. Por este motivo, não nos parece que faça sentido que estes continuem a ser deixados de parte pelos morfólogos que se dedicam ao estudo da análise das palavras complexas existentes e de novas formações, ou seja, a sua imprevisibilidade não deverá ser confundida com irregularidade.

Bibliografia

Bibliografia

1. Bibliografia Geral

Abuhamdeh, Sami et al. 2004. "The Artistic Personality: A Systems Perspective" in Sternberg, Robert et al. (ed.). *Creativity: From Potencial to Realization*. Washington, DC: American Psychological Education. Pp. 31-4.

Alves, Ieda Maria. 2002. *Neologismo*. São Paulo: Ática.

Aronoff, Mark. 1976. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge (Massachusetts): MIT Press.

Baayen, Harald. 1992. "Quantitative aspects of morphological productivity" in Geert Booij & Harald Van Marle (ed.), *Yearbook of Morphology*. Berlin: Springer. Pp. 109-149.

Bauer, Laurie. 1983. *English Word-formation*. Cambridge: Cambridge Textbooks in Linguistics.

_____. 1988. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

_____. 2001. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge Studies in Linguistics.

_____. 2003. The productivity of (non-)productivity morphology in *Rivista di Linguistica*, 15.1. Pp. 7-16.

Disponível para consulta em: <http://linguistica.sns.it/RdL/15.1/02.Bauer.pdf> (consultado no dia 23.10.2017).

_____. 2005. "Productivity: Theories" in Štekauer Pavol & Rochelle, *Handbook of Word-Formation*. Pp. 315-334.

Bauer, Laurie et al. 2013. *The Oxford Reference Guide to English*. Oxford: Oxford University Press.

Basilio, Margarida. 2010. "Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais" in *Textos Seleccionados, XXV Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL. Pp. 201-210. Disponível para consulta em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/15-Margarida-Basilio.pdf> (consultado no dia 12.12.2017).

Caetano, Maria do Céu. 2003. *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Chomsky, Noam. 1968. *Language and Mind*. San Diego (California): Harcourt Brace Jovanovich.

Corbin, Danielle. 1997. “Entre les mots possibles et les mots existants: les unités lexicales à faible probabilité d’actualisation”, dans *Mots possibles, mots existants*, Actes du Colloque de Villeneuve d’Ascq (28-29 avril 1997), sous la direction de Danielle Corbin, *Sillexicales*, Université de Lille, 1997, n°1, pp. 79-90.

Correia, Margarita. 2003. “Criatividade e inovação terminológica – novos desafios”, *Colóquio Internacional A neologia científica: balanço e perspectivas*. Roma: União Latina.

Disponível para consulta em: <http://area.dge.mec.pt/gramatica/Malaca%202006-1.pdf> (consultado no dia 23.11.2017).

Correia, Margarita & Lúcia San Payo de Lemos. 2005. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.

Csikszentmihali, Mihali. 1996. “Where is creativity” in *Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention*. Harper Collins: New York.

_____. “The Creative Personality” in Op. Cit.

Cuddon, John Anthony. 2013. *A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. Chichester (West Sussex): Wiley-Blackwell.

Cunha, Celso & Luís Filipe Lindley Cintra. [1984] 1999. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.

Cutler, Anne. 1980. “Productivity in word formation” in Kreiman, Jody, & A. E. Ojeda (Ed.), *Papers from the Sixteenth Regional Meeting*. Chicago: Chicago Linguistic Society. Ill.: CLS, 45-51. Disponível para consulta em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.914.6279&rep=rep1&type=pdf> (consultado no dia 30.11.2017).

Green, Jonathon. 1991. *Neologisms: new words since 1960*. London: Bloomsbury.

Moreira de Campos, Solange. 2012. “Produtividade lexical no reino das novas palavras: a literatura como disseminadora de neologismos” in *Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, N° 04, t. 1 – *Anais do XVI CNLF*. Pp. 1108-1124. Disponível para consulta em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlftomo_1/098.pdf (consultado no dia 01.12.2017).

Mortureux, Marie-Françoise. 2008. *La lexicologie entre langue et discours*. Paris: Colin. _____. 2011. La néologie lexicale: de l’impasse à l’ouverture. *Langages*, 183,(3), Pp. 11-24. Disponível para consulta em: <https://www.cairn.info/revue-langages-2011-3-page-11.htm> (consultado no dia 02.12.2017).

Renouf, Antoinette. 2007. “Tracing lexical productivity and creativity in the British Media: 'the Chavs and the Chav-Nots'” in Munat, Judith (ed.). *Lexical Creativity, Texts and Contexts*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Pp. 61-92.

Rio-Torto, Graça et al. [2013] 2016. *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Runco, Mark. 2004. “Everyone Has Creative Potencial” in Sternberg, Robert et al. (ed.) *Creativity: From Potencial to Realization*. Washington, DC: American Psychological Education. Pp. 21-30.

2. Dicionários

2.1. Dicionários convencionais

AAVV. 2015. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Houaiss, Antônio & Mauro de Salles Villar. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

2.2. Dicionários online

- *Cambridge English Dictionary*: <https://dictionary.cambridge.org>

- *Collins English Dictionary*: <https://www.collinsdictionary.com>

- *Dicionário de Empréstimos* no “Portal da Língua Portuguesa”:
<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=loanwords&act=list>

- *Dictionary*: <http://www.dictionary.com>

- *Merriam-Webster*: <https://www.merriam-webster.com>

- *Porto Editora*: www.infopedia.pt

- *Urban Dictionary*: <https://www.urbandictionary.com>

3. *Corpus*

- Couto, Mia. 1991. *Cronicando*. Lisboa: Caminho.
- _____. 2005. *Pensatempos. Textos de Opinião*. Lisboa: Caminho.
- _____. 2009. *E se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*. Lisboa: Caminho.

ANEXOS

Anexos

Os anexos dizem respeito à totalidade do *corpus* recolhido. A origem dos exemplos foi assinalada usando o seguinte código:

- ‘C’ para *Cronicando*;
- ‘O’ para *E se Obama fosse Africano? E Outras Interinvenções*;
- ‘P’ para *Pensatempos. Textos de Opinião*.

Os exemplos que não se encontram registados no *Dicionário Houaiss* (2001) mas se encontram registados no *Dicionário da Porto Editora* (2015) foram assinalados com um asterisco (*).

Os exemplos surgem pela seguinte ordem:

A) Exemplos resultantes de Processos de Formação de Palavras (Palavras formadas por Afixação):

- A1) Palavras formadas por Prefixação e por Sufixação (*sessenta e seis exemplos*);
- A2) Palavras formadas por Verbalização³⁹ em *des-/ -ar/-ear/-ejar/-izar* (*quarenta e dois exemplos*);
- A3) Diminutivos e Aumentativos (*oito exemplos*);
- A4) Palavras formadas por Parassíntese (*cinco exemplos*).

B) Exemplos Resultantes de Processos de Criatividade Lexical:

- Amálgamas (*oitenta e três exemplos*).

³⁹ Dado o elevado número deste processo no *corpus*, decidiu-se apresentar este grupo separadamente.

ANEXO A

A1) Palavras Formadas por Prefixação e por Sufixação (66 exemplos)

Foram recolhidos exemplos formados com *des-*, *i-/in-/im-*, *re-*, *sub-*, *tri-* e os sufixos – *ado*, *-agem*, *-ário*, *contra-*, *-ção*, *-eiro*, *-ento*, *-ia*, *-ice*, *-ico*, *-ismo*, *-ista*, *-mente*, *-oso/-osa*, *-ude*, *-udo*, *-usco*, *-ura*, *-vel*.

Formas base	Palavra em contexto	Significado	Código
sem-respeit- (rad. nom.) + -oso	“Que outro ser, portador de alma, é tão <i>sem-respeitoso</i> ?”	Sem nenhum respeito	C 129
Afinal + -mente ⁴⁰	“E quando se esperava que gordas lágrimas escorressem, <i>afinalmente</i> , se viu descerem lagriminhas estreitas, em pranto quase de passarinho.”	Finalmente	C 86
Arrepi- (rad. nom.) + -agem	“Sentiu a <i>arrepiação</i> e conclui-se, vestindo.”	Arrepio	C 101
Asil- (rad. nom.) + -ento	“E assim o asilo se foi salvando do tempo, até o peso escuro da noite baixar as pálpebras dos <i>asilentos</i> .”	Daqueles que “estão cheios” de asilo	C 81
Assobi- (rad. nom.) + -oso	“Não fotografe agora que está um vento muito <i>assobioso</i> (...)”	Com muitos assobios / muito ruidoso	P 77
Carteir- (rad. nom.) + -ar; Des- + cartear	“A moeda roubávamos lá de casa <i>descarteirando</i> eu de meu pai e Nandito não se sabe de onde.”	Tirar da carteira/deixar a carteira vazia	C 46
Coitad- (rad. adj.) + -ismo	“O exemplo parece ridículo mas refere o exercício de <i>coitadismo</i> que praticamos vezes sem conta”.	Fazer-se de coitado	O 96
Contra + argument (rad. nom.) + -ir	“Mas eu nem aos quarenta não cheguei, <i>contrargumentei</i> (...)”	Contra-argumentou, usando da mentira	C 95
Criatur- (rad. nom.) + -mente	“Aquilo era trabalho para ser feito por espírito, <i>criaturamente</i> .”	Por uma criatura	C 34
Definh- (rad. adj.) + -osa	“Pois foi esta <i>definhosa</i> , maleijadíssima mulher.”	A definhar	C 67
Des- + adivinhar (v.)	“Que fazia aquela mulher entre esquinas apagadas? Seria uma prostituta? Não podia ser, <i>desadivinhou</i> .”	Adivinhar mal	C 41
Des- + apinhar (v.)	“Foi quando Tazaina se desapinhou da multidão.”	Desaglomerar, ir-se embora	C 66
Des- + ausentar (v.)	“Mais no avante se veio a concluir: afinal, o João nem tanto se <i>desausentara</i> .”	O contrário de se ausentar	C 30
Des- + condutor (s.m.)	“Juvenal bateu no vidro, chamando a atenção do <i>descondutor</i> .”	Alguém que conduz muito mal	C 62

⁴⁰ Em Português Europeu o sufixo adverbial *-mente* só se junta a adjetivos. Neste exemplo, porém, encontramos, o sufixo adverbial *-mente* junto ao advérbio “afinal”.

Des- + Equilibrista (s. de dois géneros)	“Esse é o desafio do <i>desequilibrista</i> - ter um pé em cada um dos mundos: o do texto e o do verbo.”	Aquele que não se equilibra	P 107
Des- + feliz (adj.)	“Mas a ordem me deixou <i>desesfeliz</i> . (...)”	Infeliz	C 136
Des- + idioma (s.f.)	“Da minha língua materna eu aspiro esse momento em que ela se <i>desidioma</i> , convertendo-se num corpo sem mando de estrutura ou de regra.”	Deixa de ser um idioma	O 197
Des- + inventar (v.)	“Os homens nasceram para desobedecer aos mapas e <i>desinventar</i> bússulas.”	O contrário de inventar	C 167
Des- + Memorial (s.m.)	“E esquecemos com comprovada eficácia a guerra secular contra a escravatura. Este <i>desmemorial</i> é longo e comprova que somos peritos na arte do esquecimento.”	Esquecimento	O 202
Des- + Nascer (v.)	“(…) Com elas foi enchendo sua casa, onde a mãe sofria as dores do <i>desnasc</i> er.”	O contrário de nascer/morrer	C 32
Des- + Pastoreio (s.m.)	“Parecia divertir-se com o meu <i>despastoreio</i> .”	Pastoreio desorganizado/sem sentido	C 91
Des- + Penhasco (s.m.)	“(…) naquela altitude, ele não arriscava a vertigem dos <i>despenhascos</i> . (...)”	O contrário de penhascos	C 30/31
Des- + pessoalizar (v.)	“Ao longo da História, as operações de agressão aos outros começam curiosamente por <i>despessoalizar</i> esses mesmos outros.”	Retirar-lhe as suas características pessoais	O 97
Descorr- (TV) + -mento (s.m.)	“Tudo no <i>descorrimento</i> das alegrias, sem mancha que não fosse a dos vinhos entornados.”	No correr das alegrias	C 97
Discurs- (rad. nom.) + -osas	“O director da instituição (...) subiu na mesa e tentou umas palavras <i>discursosas</i> .”	Cheias de discurso	C 81
Duvid- (TV) + -ção	“De cada vez que barquejo vêm-me perguntas que não pertencem à <i>duvidação</i> terrestre: (...)”	Ação ou resultado da ação de duvidar	C 187
Empres- (rad. nom.) + -ado*	“Parecia o sujeito já tinha lido toda a redacção de Moçambique, enquanto nós andamos num saltitar de olhos, lendo à moda de Mussagy Papá, nosso ilustre e <i>empresariado</i> contorcionista.”	Feito empresário	C 134
Enorm- (rad. adj.) + -itude	“O elefante, sendo o maior é o que menos cresceu. Seu corpo se fez de <i>enormitudes</i> , sua alma restou na meninice.”	Qualidade de enorme	C 131a
Esfarrap- (rad. adj.) + -udo	“Já se voluntariavam justiceiros quando do cujo saco se derramou estranho conteúdo: eram livros, dezenas, centidezenas. Alguns de envergadura, calhamaçudos. O que era aquilo, um intelectual disfarçado de <i>esfarrapudo</i> ?”	Cheio de farrapos Com muitos farrapos	C 18 C 27
Esmol- (rad. nom.) + -ista	“O <i>esmolista</i> atropelado mantinha-se, no asfalto, um caso pendente.”	Aquele que pede esmolas	C 19
Espírit- (rad. nom.) + -eiro	“Foi quando por ali passou um velho conhecido pelo poder de seus espíritos. (...) Depois, o <i>espiriteiro</i> se levantou (...)”.	Alguém com poderes sobrenaturais ou espirituais	C 118

		/feiticeiro/ bruxo	
Farrap- (rad. nom.) + -oso	“(…) repente, entra num salão um homem descalço, <i>farraposo</i> (...)”	Cheio de farrapos	C 97
I- + Responder (v.)	“Sendo que a pergunta permanecia <i>irrespondida</i> (...)”	Sem resposta	C 73
Im- + Provérbio (s.m.)	“Siga-se o <i>improvérbio</i> : dá-se o braço, e logo querem a mão.”	O contrário de provérbio; provérbio que não é provérbio	C 25
In- + Auditoria (s.f.)	“Daquela pasta só era suposto saírem paginudos relatórios, as inaudíveis <i>inauditorias</i> .”	O contrário de auditorias	C 184
In- + Transeunte (adj.)	“A velha sentiu: o bicho pedia-lhe que ficasse quieta, tão quieta que talvez qualquer coisa pudesse acontecer. Então ela se fez exacta, <i>intranseunte</i> .”	O contrário de transeunte	C 35
Invent- (rad. nom.) + -eiro	“Agora acusar-me de <i>inventeiro</i> , isso é que não.”	Aquele que inventa	C 163
Jet-set (s.m.) + -ista	“Aqui seguem umas dicas que (...) ajudarão qualquer pelintra a candidatar-se a <i>jet-setista</i> .”	Aquele que faz parte do jet-set/ membro do jet-set	P 27
Maravilh- (TV) + -ção	“Quem sabe foi por causa desse estado de <i>maravilhação</i> que o Nandito não ouviu gritarem quando o soldado louco (...)”	Ação ou resultado da ação de maravilhar	C 47
Marxist- (rad. adj.) + -ano; Marxistian- (rad. adj.) + -ista	“Por respeito do marxismo, eu lhe denomino <i>marxistianista</i> .”	Praticante /devoto do marxismo	C 133
Mereng- (rad. nom.) + -ada	“A única música que ouve são umas “rapadas” e umas <i>merengadas</i> que ele generosamente emite da aparelhagem do automóvel para toda a cidade.”	Do género do merengue	P 29
Migr- (TV) + -eiro	“- Vou estudar para <i>migraceiro</i> .”	Aquele que emigra	C 22
Militar (rad. nom.) + -usco	“O <i>militarusco</i> lhe cortou a palavra (...)”	Semelhante a militar	C 93
Obeditar (v.) obeditado (adj. que resulta do part.pass. do verbo); Obedit- (rad. verbal + -oso)	“Segundo: sou um homem <i>obeditoso</i> aos mandos.”	Muito obediente	C 163
Oportuna (adj.) + -mente	“E aqui poderia estar, <i>oportunistamente</i> , uma outra linha de ficção policial.”	De forma oportuna	O 192
Palavrea- (TV) + -ção	“Nem ele suspeitava que sua simples ideia merecesse tamanha <i>palavreação</i> .”	Ação ou resultado da ação de palavrear;	C 71

		Falar muito Ser palavroso	
Pergunt- (rad. nom.) + -osa	“Mas ainda, a ordem era <i>perguntosa</i> : (...)”	Cheia de perguntas	C 163
Rap (s.m.) + -ado (-adas)	“A única música que ouve são umas <i>“rapadas”</i> e umas merengadas que ele generosamente emite da aparelhagem do automóvel para toda a cidade.”	Música rap	P 29
Re- + dormir (v.)	“Já <i>redormiam</i> quando um insistente apito ressoou pelo quarto.”	Voltar a dormir	C 141
Rebol- (TV) + -osa	“A Luzinha, <i>rebolosa</i> , se meteu pela praça adentro.”	A rebolar	C 74
Rechonch- (Rad. adj.) + -ice	“Daí que seu tãomanho se suavize em redondura, todo ele uma <i>rechonchudice</i> .”	Qualidade de ser rechonchudo	C 131
Redond- (Rad. adj.) + -ura	“As ancas arriscavam nova e perigosa <i>redondura</i> .”	Forma redonda	C 113 C 131
Sacrist- (Rad. nom.) + -ismo	“(…) Aússe foi demitido de sacristão. (...) Ele, tão no princípio da carreira do <i>sacristianismo</i> .”	Ato de ser cristão	C 155
Soturn- (Rad. adj.) + -ico	“A senhora apontou os passageiros, seus ares graves, <i>sotúrnicos</i> .”	Relativo a soturno	C 21
Sub-Marinheiro (s.m.)	“A um instante, me desvio, <i>submarinheiro</i> .”	Marinheiro inferior	C 130b
Sub-Lábio (s.m.)	“O cigarro pendia-lhe do <i>sublábio</i> .”	Lábio inferior	C 89
Sub-Existente (adj.)	“Tímido e desencorpado, ele era um <i>subexistente</i> ”.	Abaixo da existência	C 85
Subi- (TV) + -dor; Subidor (rad. nom.) + -ia	“(…) Mas a velha julgava entender: seu menino nunca experimentara o degrau, não saboreara nenhuma <i>subidoria</i> .”	Qualidade de subir	C 30
Suborn- (rad. nom.) + -ista	“O que pode fazer um <i>subornista</i> interno?”	Aquele que suborna	C 177
Sucede- (TV) + -vel	“(…) o vizinho inferior tem que pensar nas inconveniências <i>sucedíveis</i> (...)”	Que podem suceder	C 110
Tesoura- (TV) + -ção (s.f.)	“O barbeiro Lázaro interrompeu a <i>tesouraço</i> e foi à porta.”	Ação ou resultado da ação de tesourar	C 69
Torcicol- (rad. nom.) + -ado	“E ainda hoje (...) Horácio se queixa de dores no pescoço, resultado da sua primeira aterrisagem, <i>torcicolado</i> , nos domínios amorosos.”	Do género do torcicolo	C 88
Transcend- (rad. adj.) + -ário	“Seu futuro virou assunto <i>transcendentário</i> ”.	Qualidade do que é transcendente	C 132
Tri- + Vergência (s.f.) C.f. com <i>convergência e trivalência</i>	“Eu não emiti opinião: não queria que se fizesse <i>trivergência</i> .”	Divergência tripla	C 172
Vice-versa (adv.) + -mente	“De casa para a escola e <i>viceversamente</i> (...)”	De forma inversa	C 114

A2) Palavras Formadas por Verbalização (42 exemplos)

Foram recolhidas palavras formadas por Verbalização em *-ar*⁴¹/*-ear/-ejar, -inhar e -izar*.

Palavra(s) base	Contexto de ocorrência	Significado	Código
Alpinist- (rad. nom.) + -ar	“E sempre o Bate-Certo, escada acima, <i>alpinistando</i> .”	Fazer como um alpinista	C 30a
Amendo- (rad. nom.) + -inhar	“Os deuses pilavam as nuvens cínzeas e a água se <i>amendoinhava</i> , grão a gota.”	Tomar a forma de um amendoim	C 83a
Anedot- (rad. nom.) + -ar	“Depois, apareceram mais três avançados, subitamente transcoloridos. Ainda encontraram piada, <i>anedotaram</i> .”	Contar anedotas/fazer piadas	C 46
Bonit- (rad. adj.) + -ar(-se)	“Carolina cedeu à tentação. <i>Bonitou-se</i> .”	Pôr-se bonito(a)	C 26d
Cachorr- (rad. nom.) + -ar	“Pois o homem, <i>cachorrando-se</i> , fez calar os bichos por detrás do medo.”	Transformar-se em cão	C 162b
Cambalhot- (rad. nom.) + -ar*	“(…) um camião militar <i>cambalhotado</i> .”	Virar ao contrário	C 62
Comprid- (rad. adj.) + -ar	“A estrada se <i>compridava</i> como o tempo.”	Tornar-se comprido/alongar-se	C 167
Continênc- (rad. nom.) + -ar	“O major português <i>continenciou</i> e mandou que inchasse o peito.”	Fazer uma continência	C 93
Crónic- (rad. nom.) + -ar*	“Desta vez, não <i>cronicarei</i> .”	Escrever crónicas	C 175
Dent- (rad. nom.) + -ejar	“Os bichos mastigavam a infalível alcatifa, chegando mesmo a <i>dentejar</i> alguns relatórios.”	Dar ao dente (no sentido de comer)/mastigar	C 146
Depress- (rad. adv.) + -ar(-se) ⁴²	“ <i>Depressa-te</i> , Antoninho, a minha vida está-te à espera.”	Despachar-se	C 34a
Doent- (rad. adj.) + -ar	“É um barulho: até <i>doenta-nos</i> os ouvidos.”	Pôr (algo ou alguém, neste caso os ouvidos) doentes	C 109b

⁴¹ O sufixo derivacional *-ar*, como se sabe, junta-se a radicais nominais/adjetivais para formar verbos (ex. invej- + -ar).

⁴² Este processo de verbalização adverbial não acontece em PE. O mesmo acontece em *longear* (cf. abaixo).

Matrec- (rad. nom.) + -ar	“Simplicidade – a simplicidade é um pecado mortal para a nossa <i>matrecagem</i> .”	Matrecar (i.e., jogar com bonecos de matraquilhos)	P 30
Ruíd- (rad. nom.) + -ar	“Foi então: um esticão se <i>enruidou</i> e, diante do meu espanto, surge um cabrito.”	Ficar ruidoso	C 91
Estupefact- (rad. adj.) + -ar	“Primeiro, todos se <i>estupefactaram</i> . Os meninos até choraram, assustados.”	Ficar estupefato	C 27a
Flagrant- (rad. adj.) + -ear	“Ainda menos: <i>flagrantearam</i> instantes, súbitas iluminações de suas vidas.”	Capturar em flagrante	P 76
Fluv- (rad. adj.) + -ar	“Foram <i>fluviando</i> os anos, aguacentos.”	Passar (com um sentido temporal)	C 50
Gafanhot- (rad. nom.) + -ar	“(…) quando vi saltar um homem coberto de peles. (…) Não andava: pulava, <i>gatafonhando</i> .”	Agir/mover-se como um gafanhoto	C 162a
Gaivot- (rad. nom.) + -ar ⁴³	“A uma distância ilegível, um barco <i>gaivoteava</i> , sem modos de ter rumo.”	Mover-se como uma gaivota	C 187
Hipótes- (rad. nom.) + -ear	“O marinho cuspiu uma réstia de fumo e <i>hipoteseou</i> .”	Dar hipóteses	C 90
Lençol (rad. nom.) + -ar	“Ao tempo que vai <i>lençolando</i> as poeiras, o chuvisco abraça a terra mais terna até lhe requebrar a cintura e a fazer barro e matope.”	Afastar/agitar/abandar (como o movimento de um lençol)	C 83b
Long- (rad. adv.) + -ar	“Ele se <i>longeara</i> , de farda, cabelo no zero.”	Ir para longe	C9
Louc- (rad. adj.) + -ar	“Diz-se: na própria doideira nos vamos <i>loucurando</i> .”	Tornar-nos loucos	C 11a
Lusco-fusc (rad. nom.) + -ar	“Mais noite, ela despertava e <i>luscofuscava</i> seus pequenos olhos pela sala.”	Observava	C 26c
Maric- (rad. nom.) + -ar	“Nem o próprio se <i>maricava</i> , reclamando inocência.”	Fazer-se de maricas/ tornar-se maricas (no sentido de medricas)	C 137
Menin- (rad. nom.) + -ar	“Ele adormecia-se, um breve sorriso <i>meninando-lhe</i> o rosto.”	Fazendo-lhe o rosto infantil	C 34b
Moçambiqu- (rad. nom.) + -ano; moçambican- (rad. adj.) + -izar	“Com a Independência, o espaço urbano foi forçado a <i>moçambicanizar-se</i> .”	Tornar-se moçambicano	P 152
Monument- (rad. nom.) + -ar	“Carolina <i>monumentara-se</i> , acrescida de muitos tamanhos.”	Aumentar o seu tamanho	C 27b

⁴³ A palavra ‘gaivotear’ está dicionarizada no *Dicionário da Porto Editora* (2015) com um sentido diverso daquele proposto por Couto (i.e., no Dicionário, o verbo intransitivo ‘gaivotear’ significa afagar com ironia ou zombar).

Mulat- (rad. adj.) + -izar	“África estava ali, impossível de afastar ou adiar, <i>mulatizando-nos</i> a alma.”	Tornar-se mulato	P 147
Ocean- (rad. nom.) + -ar	“O continente se <i>oceanifica</i> .”	Tornar-se oceano	C 78
Pedestr- (rad. adj.) + -ar	“Nunca achesse nenhuma rua. Você não tem idade para <i>pedestrar</i> .”	Passar a rua	C 26b
Pesc- (rad. nominal) + -ar	“ <i>Pescadorando</i> a vida inteira, sem benefício de favor, quem acredita em rendição de peixe?”	Pescar	C 188
Primeir- (rad. adj.) + -ar	“ – <i>Primeirem-se</i> vocês, pessoas. Depois, as cargas.”	Ir em primeiro lugar	C 49
Queixum- (rad. nom.) + -ar	“Ai, a gente!, <i>queixumava</i> o defensor.”	Queixar-se	C 168
Redond- (rad. adj.) + -ar	“Seus pés de menino se <i>redondam</i> , fofos.”	Tornar-se redondo	C 132a
Renitent- (rad. adj.) + -ar	“O Joca <i>retinentava</i> : - Nem vale a pena, mano. (...)”	Manter-se renitente	C 153
Solteir- (rad. adj.) + -ar	“Horácio (...) <i>solteirava</i> em estado de deserto sensual.”	Levar uma vida de solteiro	C 85a
Súbdit- (rad. adj.) + -ar	“- Arranja-te. Estamos quase a partir. - Então vou despedir do passaporteiro. A mãe corrigiu em dupla dose. Primeiro, não ia a nenhuma parte. Segundo, não se chamava assim ao senhor dos passaportes. Mas só no presente o menino se <i>subditava</i> .”	Fazer-se súbdito	C 22
Tapet- (rad. nom.) + -ar	“No mesmo muro onde começa esta crônica, o mesmo gato me distraiu. (...) Seu andar meticuloso <i>tapeteava</i> o telhado à procura de gatos ciosos, ociosos, ansiosos.”	Andar sobre	C 43a
Turist- (rad. nom.) + -ar	“Ela ali estava, <i>turistando</i> o seu corpo pela avenida.”	Fazer turismo	C 42
Varand- (rad. nom.) + -ar	“Bate-Certo abreviava um sorriso. E mais nenhuma resposta. O que se dizia: que ele, lá no último degrau, se <i>varandeava</i> , contemplando os mais distantes lugares.”	Andar na varanda	C 31
Workshop + -ar	“Não é mau que se vá <i>workshopando</i> tanto assim.”	Fazer workshops/aprender com workshops	P 96

A3) Diminutivos e Aumentativos (7 exemplos)

Diminutivos

Palavra(s) base	Palavra em contexto	Significado	Código
Atent- (rad. adj.) + -inho	“Está <i>atentinho</i> , veja como eu faço.”	Muito atento	C 70
Cabisbaix- (rad. adj.) + -inho	“ <i>Cabisbaixinhos</i> , os moradores se condoíam.”	Muito cabisbaixos	C 64
Empurr- (rad. nom.) + -inho	“Mas, no vira-gira geral o diretor levou um <i>empurrinho</i> e (...) (tombou) com aparato em pleno chão.”	Empurrão pequeno	C 81
Incert- (rad. adj.) + -inho(a)	“Eram letras <i>incertinhas</i> , pareciam crianças saindo da formatura.”	Pouco certas	C 9d
Minim- (rad. adj.) + -zinho	“O Gentipó não pisa a estrada: qualquer <i>minimozinho</i> carreiro é para ele uma trebulosa avenida.”	Mínimo no diminutivo	C 191
Tranquil- (rad. adj.) + -inho	“Porque aquela noite, tão <i>tranquilinha</i> , só oferece silêncios. Juvenal rastejava, submissionário.”	Tranquila/Calma	C 63
U- (rad. nom.) + -zinho	“A propósito, nenhum dos excelentíssimos está interessado em levar alguns livrinhos? É de graça, um caixote sem mais obrigações. Ninguém quer? Então, senhores, por que se vão embora, assim com as pressas? É só um caixotinho, só <i>unzinho</i> ...”	Único	C 19

Aumentativo (1 exemplo)

-zarrão

Palavra(s) base	Palavra em contexto	Significado	Código
Camião + -zarrão	“Era um tipo cheio de dimensões, a condizer com o <i>camiãozarrão</i> .”	Camião grande	C 62

A4) Palavras Formadas por Parassíntese (5 exemplos)

Palavra(s) base	Contexto de ocorrência	Significado	Código
A- + Relâmp- (rad. nom.) + -ejar	“Os olhos do intruso se <i>arrelampejaram</i> (...)”	Parecer um relâmpago Agir como um relâmpago	C 99
A- + tangerin- (rad. nom.) + - ar	“Sucedeu que o Alcides (...) trouxe mais um vestido para sua esposa. Quase <i>atangerinado</i> .”	Parecer-se com uma tangerina Com a forma de uma tangerina	C 73
Em- + Pássar- (rad. nom.) + - ar	“De raspão quase o morcego se <i>empassarava</i> .”	Tornar-se pássaro	C 126
En- + Crianç- (rad. nom.) + -ar	“Os velhos se <i>encriançaram</i> , saltando o muro da idade.”	Tornar-se criança	C 80
En- + Tempestad- (rad. nom.) + -ar	“A manhã estava <i>entempestada</i> , cinzanolenta.”	Tempestuoso e cinzento	C 89

B) Exemplos Resultantes de Processos de Criatividade Lexical

- Amálgama (83 exemplos)

Palavras base	Palavra em contexto	Significado	Código
Ad(moestar) (v.) Molestar (v.)	“Ela lhe <i>admolestou</i> , prescrevendo juízo.”	Admoestou Molestou	C 21
Adoles(cente) (adj.) Centenário (adj.)	“Lembrava seu avô, sempre jovem, <i>adolescentenário</i> .”	Adolescente durante muito tempo	C 183b
Alca(trão) (s.m.) Tramado (s.m.)	“(…) mal foi dele, <i>alcatramado</i> , demolido no meio do trânsito.”	Tramado pelo alcatrão	C 17c
Alfa(beto) (s.m.) Bater (v.)	“(…) E ambos se <i>alfabatiam</i> .”	Bater-se com as palavras/com o alfabeto	C 172
Am(êijoa) (s.f.) Enjoado (adj.)	“Como a amêijoa, no balanço da onda, <i>amenjoada</i> .”	Enjoada como a amêijoa	C 127
Anar(quia) (s.f.) (Ar)quitecto (s.m.)	“(…) E o guarda, aflito, concluía: os viventes se apuram é como <i>anarquitectos</i> .”	Arquitetos da anarquia	C 167
Aproxi(mar) (v.) Marejar (v.)	“ <i>Aproximarejamos</i> . O piloto do meu barco reduziu o motor (…)”	Aproximar no mar	C 187d
Arf(ar) (v.) (A)fogar (v.)	“Espreitou os imponentes ruídos, alertou a mãe para um qualquer espanto. Mas a sua voz se <i>arfogou</i> no tropel dos motores.”	(Arfar no mar?) A voz não se ouviu devido ao barulho dos motores	C 21
Arreg(anhar) (v.) Alinhar (v.)	“Eu <i>arregalinhei</i> os olhos, retrocedi as razões do visitante.”	Arreganhar e alinhar os olhos	C 192
Arrog(ante) (adj.) Ansioso (adj.)	“E mesmo antes da resposta, eu, <i>arrogancioso</i> (…)”	Cheio de arrogância e ansiedade	C164b
Ar (s.m.) (A)vião (s.m.)	“- Não é <i>arvião</i> . Diz-se: avião. O menino estranhou a emenda de sua mãe. Não mencionava ele uma criatura do ar?”	Avião	C 21
Bam(bolear) (v.) Bolar (v.)	“Vendo seu grácil <i>bambolinar</i> , nos fica esse espanto (…)”	Bailar de maneira semelhante ao barco que navega à bolina	C 131c
Cabis(baixa) (adj.) Tonta (adj.)	“Se conhecia por ser <i>cabistonta</i> (…)”	Cabisbaixa e tonta	C 66
Cala(frio) (s.m.) Frígido (adj.)	“ <i>Calafrigido</i> , o português negou, esmigalhando-se em desculpas.”	Gelado Rígido de medo	C 181
Calha(maço) (s.m.) Maçudo(adj.)	“Já se voluntariavam justiceiros quando do cujo saco se derramou estranho conteúdo: eram livros, dezenas, centidezenas. Alguns de envergadura, <i>calhamaçudos</i> . O que era aquilo, um intelectual disfarçado de esfarrapado?”	Livros grandes e maçudos	C 18b

Cabra (Capri) Saltantes	“E os alienígenas mantinham a estranheza, vendo o funcionário em apuros, empurrando os <i>caprissaltantes</i> escada acima.”	Caprinos que saltam	C 146
Centena (s.f.) Dezena (s.f.)	“Já se voluntariavam justiceiros quando do cujo saco se derramou estranho conteúdo: eram livros, dezenas, <i>centidezenas</i> . Alguns de envergordura, calhamaçudos. O que era aquilo, um intelectual disfarçado de esfarrapado?”	Muitas centenas	C 18a
Cinz(ento) (adj.) (S)onolento (adj.)	“A manhã estava entempestada, <i>cinzanolenta</i> .”	Com tons cinzentos e monótonos	C 89a
Circul(ar) Aguar	“Sobre as ondas, minhas lembranças se soltavam, <i>circulaguando</i> .”	Circular na água	C 187
Cisma(r) (v.) (O)lhar (v.)	“- Continua. Porque paraste? (...) Mas a velha insistia. <i>Cismalhava</i> .”	Cismar e olhar	C 10a
Civi(lizado) (adj.) Lixado (adj.)	“(....) ninguém escutava o apelo do <i>civilixado</i> cidadão.”	Cidadão que está comprometido /com problemas	C 140
Contun(dente) (adj.) Dentição (s.f.)	“Expliquei-me, eu que de <i>contundentição</i> nem tenho escola.”	Cheio de contundência	C 133b
Deli(rar) (v.) Urrar (v.)	“À volta, o público <i>deliurrava</i> (...)”	Delirar e Urrar	C 115
Des(ajeitado) (adj.) Enjeitado (s.m.)	“Seu <i>desenjeitado</i> manejar: (...)”	Desajeitado e Enjeitado	C 131
De(vagar) (adv.) Vagoroso (adj.)	“(....) aquela areia que se estendia, <i>devagorosa</i> , era a nossa alma, moribunda.”	Lentamente	C 13
Distin(guir) (v.) Ver (v.)	“Até já não se <i>distinvia</i> , perdida entre nuvens e cacimbos.”	Já não se podia ver	C 31b
Elefante (s.m.) + (Assas)ínio	“Porque o <i>elefanticínio</i> , ao extirpar tão doce menino, se converteu em nosso vergonhoso infanticídio.”	Assassinio de elefantes	C 132
En(gasgar) (v.) Gasganete (s.m.)	“Foi a voz apertando o <i>engasganete</i> dele: - Eh pá, onde saíram esses todos livros? - A razão que explico não sou: fui dado. De um lado relampejou um virapé. - Já disse, esses livros fui dado.”	A garganta	C 18c
Enver(gadura) (s.f.) Gordura (s.f.)	“Já se voluntariavam justiceiros quando do cujo saco se derramou estranho conteúdo: eram livros, dezenas, centidezenas. Alguns de <i>envergordura</i> , calhamaçudos. O que era aquilo, um intelectual disfarçado de esfarrapado?”	Grandes Volumosos	C 18b
Epider(me) (s.f.) (Epide)mia (s.f.)	“O que mais há, nos dias actuais é gente de muita pele. Parece que o povo se vai salvando da doença. A <i>epidermia</i> , diz-se, abunda muito-muito entre os de decisão sentada.”	Epidemia da epiderme	C 180
Er(mo) (s.m.) (E)migrante (s.m.)	“Uma dúvida, às vezes, lhe estremecia: seria que ele se dava de despegar dali, <i>ermigrante</i> ?”	Emigrante no ermo	C 30
Escorre(gar) (v.) Cair (v.)	“Era ali que vibravam as nossas multidões quando a pequena bola de madeira <i>escorrecaía</i> no buraco da baliza.”	Escorregar e Cair	C 45c

Estre(mecer) (v.) Mexer (v.)	“E no dançar da brisa não se conhece quem <i>estremexe</i> , se a folha se a gota.”	Estremecer Mexer	C 84d
	“Foi então que o susto lhe <i>estremexeu</i> (...)”		C 122
Fal(cão) (s.m.) Gato (s.m.)	“Começamos pelo falcão: já viram os olhos, como são felinos? Certo seria chamar-se de <i>falgato</i> .”	Falcão e gato	C 125
Fêmea (s.f.) Menina (s.f.)	“Nós ficámos no muro, olhos trincando as sombras <i>femeameninas</i> .”	Relativo a/próprio de menina	C 45b
Fio (s.m.) (Fa)rrapo (s.m.)	“As roupas, aos <i>fiorrapos</i> , lhe davam a suficiente identidade.”	Roupas esfarrapadas	C 17a
Flutuar (v.) Arejar (v.)	“A claridade lhe chegava do azul, ainda molhada e, depois, <i>flutuarejava</i> nos céus.”	Voar e Flutuar	C 53
Fúri(a) (s.f.) Abundante (adj.)	“Pois que o alfaiate, <i>furiabundante</i> (...)”.	Cheio de fúria	C 94
Hú(mido) (adj.) Miudinho (adj.)	“Às vezes é um rio de pé, verticaindo. (...) Até os pássaros vão peixando, <i>humidinhos</i> .”	Húmido e pequeno	C 84b
Imagi(nação) (s.f.) Náutica (s.f.)	“Porque sei muito bem o perigo da <i>imagináutica</i> .”	Imaginação	C 163c C 10b
Imagin(ação) (s.f.) (Fot)ografia (s.f.)	“Divinas <i>imaginografias</i> ”	Imagens provenientes da imaginação	P 81
Inven(to) (s.m.) (Ven)tanias (s.f.)	“Acusem-me de <i>inventanias</i> , até prefiro.”	Invenções	C 179
Mais + Prezado (adj.)	“Ele, sempre esquecido, por que motivo seria agora <i>maisprezado</i> ?”	Mais prezado (por oposição a menosprezado)	C 93a
Mal (adv.) + (bal)buciar (v.)	“Uma noite, ela prendeu o braço do filho e <i>malbuciou</i> .”	Balbuciar mal	C 32 C 75 C 93
Mal (adv.) Aleijadíssima (adj.)	“Pois foi esta definhosa, <i>maleijadíssima</i> mulher.”	Muito aleijada	C 67
Maltra(pilho) (s.m.) (Tra)peiro (s.m.)	“Pelos vistos, o <i>maltrapeiro</i> ousara atravessar as instruídas avenidas.”	Maltrapilho Trapos	C 17b C 18
Mantimen(to) (s.m.) (Alimen)tação (s.f.)	“Lugar seguro de viver, isso ele garantia. Sossegado, também. Só no fim da madrugada o silêncio se sujava com os camiões trazendo o lixo. Mas, para ele, aquele barulho era o anunciar da <i>mantimentação</i> .”	Alimentação/ Comida	C 37
Mar (s.m.) (Ho)rizonte (s.m.)	“O marinheiro pousou a sua velha mão sobre o leme e espreitou o <i>marizonte</i> .”	O horizonte no mar	C 89c
Mau (adj.) (Mal)dade (s.m.)	“(…) a liberdade incondicional estava à porta. Julinho protestava. O que teria feito Mbava para merecer tamanha soltura? Mas o primo jurava: só praticara maus comportamentos, agravos à pena original. E, desconsolado, abanava a cabeça – o que vale a gente implementar <i>maudades</i> ?”	Maldades	C 138
Mor(cego) (s.m.) Surdo (adj.)	“Desgraça do morcego, então, era ser <i>morsurdo</i> .”	Ser um morcego surdo	C 126b
Morto (adj.) (Moto)rista (s.m.)	“Estivesse ele morto, suspeitou o residente. Fosse o motorista um <i>mortorista</i> .”	Motorista morto	C 62
Nuvem (s.f.) (Ne)buloso (adj.)	“A verdade é que os nossos jornalistas só comentam as vigarices no seu aspecto geral, rosto largo e <i>nuvembuloso</i> .”	Obscuro Com a forma de nuvem	C 176

Obed(ecer) (v.) ditar (v.)	“Estava eu já predispronto a escrever mais uma crónica quando recebo a ordem: não se pode inventar palavra. (...) Não é que eu tivesse intenção de inventar palavras. Até porque acho que palavra descobre-se, não se inventa. Mas a ordem me deixou desesfeliz. (...) Recuso-me: sou um <i>obeditado</i> .”	Que obedece ao que é ditado/imposto	C 163
Onda (s.f.) (Ponta)pé (s.m.)	“A sua embarcação dançaricava: o mar lhe dava <i>ondapés</i> , raivecido.”	Pontapés das ondas	C 187c
Ondul(ar) (v.) (Chuv)iscar (v.)	“A água <i>onduliscava</i> ao de leve, a espuma salpingando os passageiros.”	Fazer ondas e deitar chuviscos	C 187a
Partici(par) (v.) Passiva (adj.)	“O Juvenal (...) incentivou a multidão a ser <i>participassiva</i> : - Vamos gente, vamos endireitar o camião.”	Participar de forma passiva (?)	C 64b
Passa(geiro) (s.m.) Cheiroso (adj.)	“Todos já em seus lugares, uns passageiros, outros <i>passacheirosos</i> .”	Passageiros Cheirosos	C 147
Passa(geiro) (s.m.) Gentio (s.m.)	“Os cascos marrabentavam* o convés, pisando o <i>passagentio</i> .” *Marrabentavam: de marrabenta, dança do Sul de Moçambique (segundo indicação presente na obra)	Passageiros	C 90
Pedin(te) (adj.) Chorão (adj.)	“Seria mais um calamitoso, <i>pedinchorão</i> ?”	Pedinte que pede muito intensamente (?)	C 97b
Pern(a) (s.f.) Altitudes (s.f.)	“Quem diz é a garça em suas <i>pernaltitudes</i> .”	Pernas altas	C 126a
Ponta(pear) (v.) Dar pinotes (v.)	“(…) <i>pontapinava</i> nas traseiras do cabrito (...)”	Dar pontapés	C 99
Contur(bado) (adj.) Babado (adj.)	“Foi num eis: repente, entra no salão um homem descalço, farraposo, convenientemente bêbado. (...) Interromperam-se as alegrias, abriu-se uma roda à volta do intruso. Que fazia ali aquele (...) <i>conturbabado</i> ?”	Conturbado que se baba	C 97a
Predis(posto) (adj.) Pronto (adj.)	“O Juvenal, <i>predispronto</i> , incitou a multidão a ser <i>participassiva</i> .”	Predisposto Pronto	C 64a C 163
Reca(pitul)ar (v.) Pistol(a) (s.f.)	“ <i>Recapistolemos</i> : nos tempos saiu a ordem, bem clara.”	Recapitular	C 149
Roxo (adj.) (Rea)bilitado (adj.)	“Foi assim que, em plenos festejos centrais, deu entrada o casal. Ele envergado seus bigodes. Ela trajando o vestido ex-laranja, <i>roxobilitado</i> .”	Reabilitado em roxo/transformado em roxo	C 76
Sal (s.m.) Pingar (v.)	“A água onduliscava ao de leve, a espuma <i>salpingando</i> os passageiros.”	Deitando salpicos de sal	C 187b
Salti(tar) (v.) (Ti)ritar (v.)	“O menino seguia seus passos quando, na lisura do alcatrão, ele viu o sapo. Encharcado, o bicho <i>saltiritava</i> .”	Saltitava Tiritava	C 22a
Sandes (s.m.) (Satis)feito (adj.)	“Eu pergunto: só por ver alguém comer sandes, pode-se concluir que é um homem <i>sandesfeito</i> ?”	Satisfeito por comer uma sandes	C 134
Satis(feito) (adj.) Desfeito (adj.)	“Enganava-se quem, no entanto, lhe acreditava <i>satisdesfeito</i> .”	Desfeito em satisfação	C 183a
Segu(inte) (adj.) (Consequ)ente (adj.)	“De onde vinham os <i>seguentes</i> materiais?”	Seguintes	C 31a

Sonho (s.m.) (Sono)lento (adj.)	“Contemplava a quanta altura, namorava o céu e seus arredores. Se partira num sonho, mais ele regressou <i>sonholento</i> .”	Com vontade de sonhar (com sede de sonhos)	C 29
Sos(laio) (s.m.) (Deso)lado (adj.)	“Fiz-lhe sinal, ele me encarou de <i>soslado</i> .”	De soslaio Desolado	C 23
Subm(isso) (adj.) (Mi)ssionário (adj.)	“Juvenal rastejava, <i>submissionário</i> .”	Submisso	C 63
Suor (s.m.) (Or)deiro (adj.)	“E viram que lá nesse mundo interior só o Mamudo é que laborava as penas, <i>suordeiro</i> .”	Com suor (esforço) e ordem	C 119
Tarta(ruga) (s.f.) Enrugado (adj.)	“O cágado, na caixa de si, <i>tartaenrugado</i> .”	Enrugado como uma tartaruga	C 130a
Tí(mida) (adj.) Miúda (s.f.)	“Sorriu: era quase tímida, <i>timiúda</i> .”	Miúda Tímida	C 42b
Tiri(tar) (v.) (Ti)linter (v.)	“Quando subiu ao estrado, seus joelhos <i>tirilintavam</i> .”	Tremer e fazer barulho	C 93b
Ter(mer) (v.) Medroso (adj.)	“Os roubadores daqueles tempos tinham dedos <i>tremedrosos</i> , eram gente de pequeno empreendimento.”	Tremer de medo	C 45a
Uni(forme) (adj.) Disforme (adj.)	“Tão grande era ele que o uniforme figurava mais ser um <i>unidisforme</i> .”	Uniforme que não assenta bem	C 62
Verti(cal) (adj.) Cair (v.)	“Às vezes é um rio de pé, <i>verticaíndo</i> . Gotas gordas aprisionam os homens e os bichos nos seus abrigos. Até os pássaros vão peixando, <i>humiudinhos</i> .”	Cair na vertical	C 84a
Viatura (s.f.) (Ido)latria (s.f.)	“Esta doença, esta religião que se podia chamar <i>viaturalatria</i> ” atacou desde o dirigente do Estado ao menino da rua.”	Culto da viatura	O 42
Vigi(lante) (adj.) Lento (adj.)	“Porque a vida é uma grande fábrica de imagineiros e há muita estrada para poucos postos <i>vigilentos</i> .”	Vigilante Lento	C 164c
Vis(lumbrar) (v.) Lembrar (v.)	“Foi nesse ventre líquido que se assistiu ao que, de tanto assombro, me fuge de <i>vislembrar</i> .”	Vislumbrar Lembrar	C 106
Volum(oso) (adj.) Maçudo (adj.)	“(…) Nas obras completas, ele designa os assentos dos imaginados visitantes. Um outro, mais <i>volumaço</i> , lhe serve de almofada.”	Volumoso Maçudo	C 20